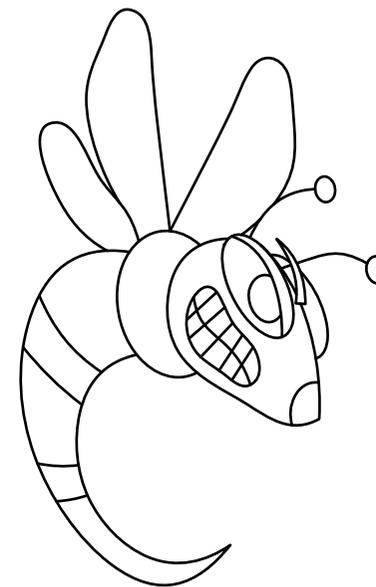
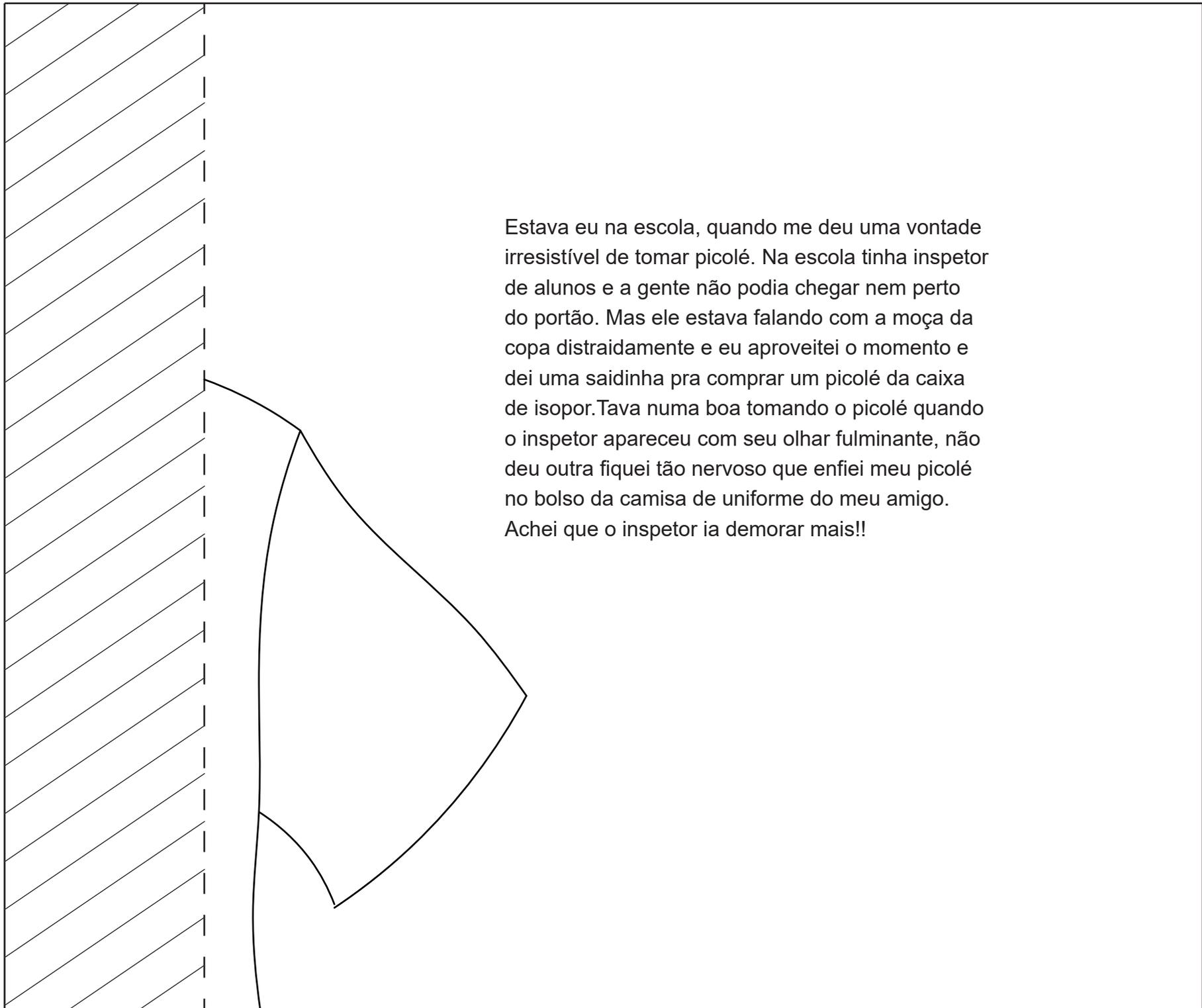


Eu costumava atacar pedras em casa de marimbondo. Onde eu achava uma dessas eu tacava pedra. Eu queria destruir!!! Um dia lá no sítio tinha uma dessas em cima da nossa mangueira, daí eu e meus primos achamos a casa e eu falei: “vamos fazer uma competição para ver quem derruba primeiro?” Eu peguei uma pedra no chão e atirei. Errei! Peguei outra e atirei. Errei!!! Não podia desistir peguei mais uma e atirei com toda força, porém antes mesmo de olhar se errei, abaixei pra pegar outra pedra...quando eu levantei pra atirar vi que acertei no cacho de marimbondos mas eles também viram que fui eu quem acertou... só deu tempo de sair correndo e os marimbondos atrás.Eu corria pra um lado AIIIIIIIIII!!! E voltava pro outro AIIIIII!!! E eles atrás de mim. Minha mãe e meu pai que estavam dentro de casa com a porta aberta para o quintal, só me viam correr e não perceberam a nuvem de marimbondos. Eles comentaram: “quanta energia tem esse moleque” e minha mãe gritava:” para de correr se vai cair”.No outro dia tive que ficar em casa, meus zinhos num abria de tão inchados.



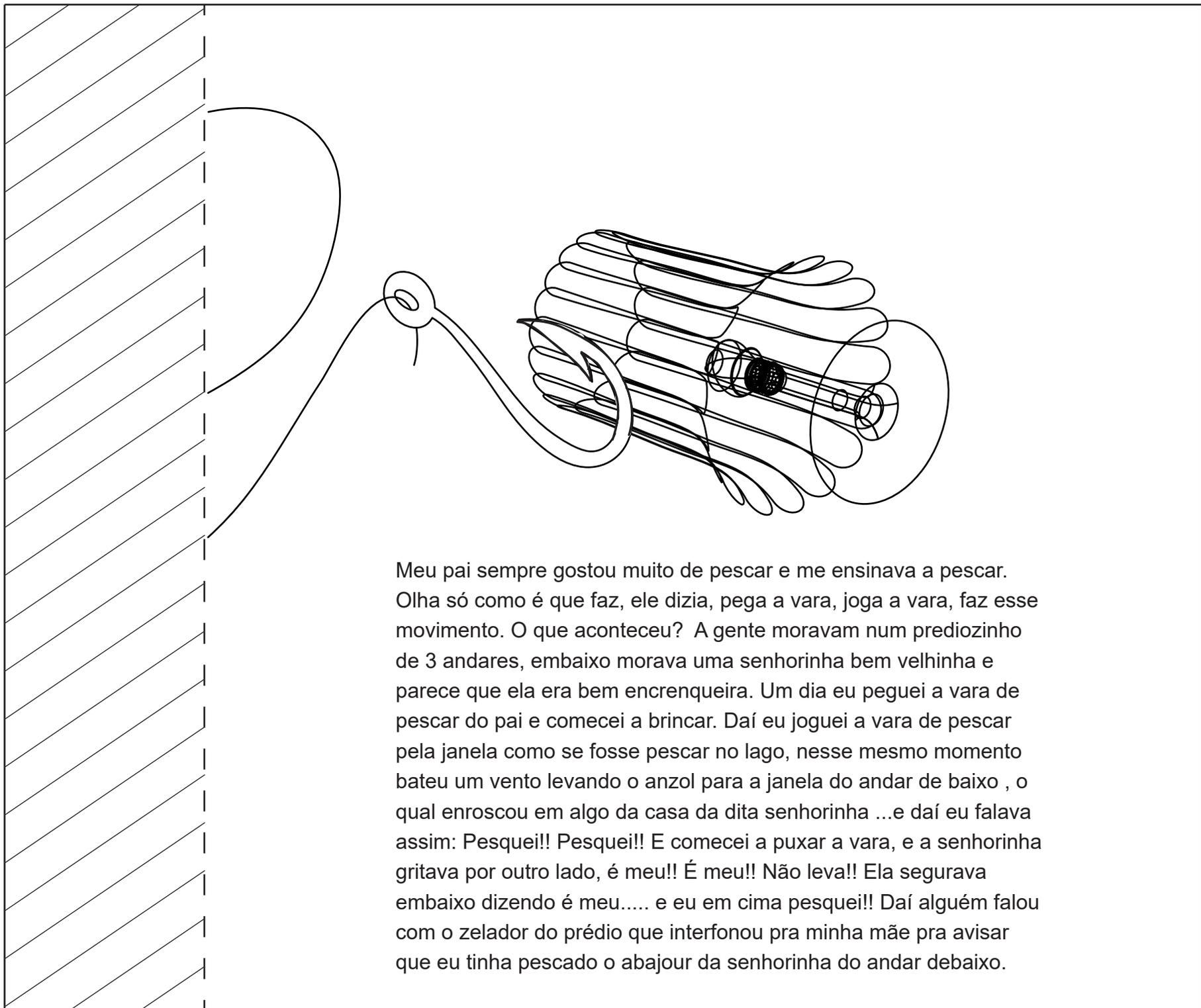


Escola Estadual

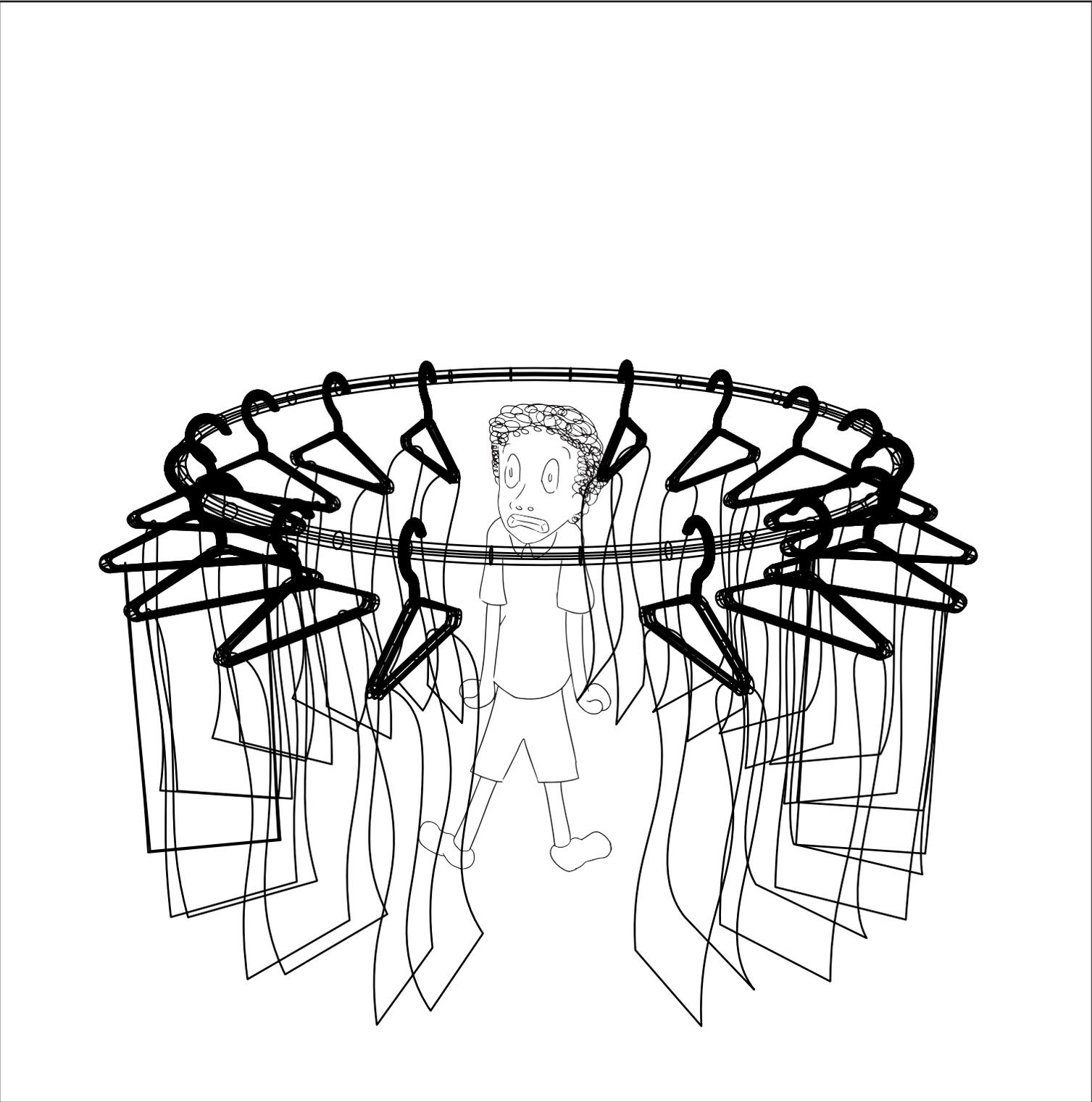


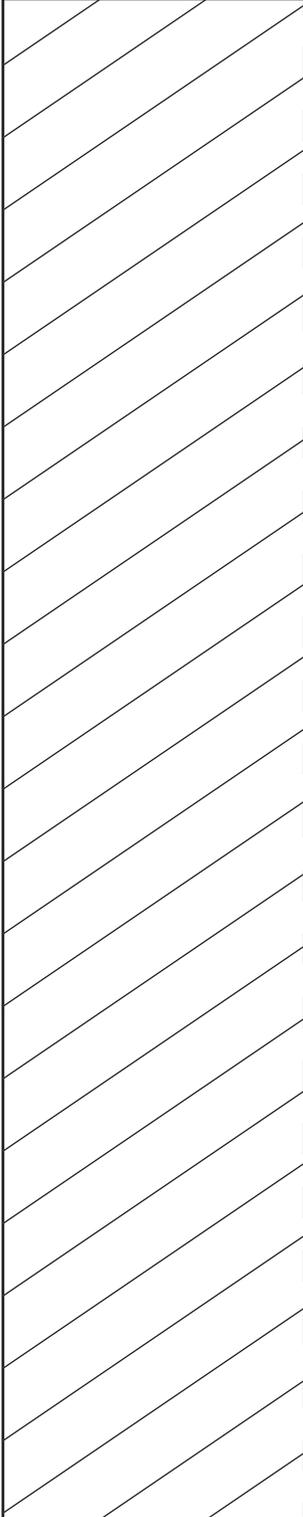
Estava eu na escola, quando me deu uma vontade irresistível de tomar picolé. Na escola tinha inspetor de alunos e a gente não podia chegar nem perto do portão. Mas ele estava falando com a moça da copa distraidamente e eu aproveitei o momento e dei uma saidinha pra comprar um picolé da caixa de isopor. Tava numa boa tomando o picolé quando o inspetor apareceu com seu olhar fulminante, não deu outra fiquei tão nervoso que enfiei meu picolé no bolso da camisa de uniforme do meu amigo. Achei que o inspetor ia demorar mais!!





Meu pai sempre gostou muito de pescar e me ensinava a pescar. Olha só como é que faz, ele dizia, pega a vara, joga a vara, faz esse movimento. O que aconteceu? A gente moravam num prediozinho de 3 andares, embaixo morava uma senhorinha bem velhinha e parece que ela era bem encrenqueira. Um dia eu peguei a vara de pescar do pai e comecei a brincar. Daí eu joguei a vara de pescar pela janela como se fosse pescar no lago, nesse mesmo momento bateu um vento levando o anzol para a janela do andar de baixo , o qual enroscou em algo da casa da dita senhorinha ...e daí eu falava assim: Pesquei!! Pesquei!! E comecei a puxar a vara, e a senhorinha gritava por outro lado, é meu!! É meu!! Não leva!! Ela segurava embaixo dizendo é meu..... e eu em cima pesquei!! Daí alguém falou com o zelador do prédio que interfonou pra minha mãe pra avisar que eu tinha pescado o abajour da senhorinha do andar de baixo.





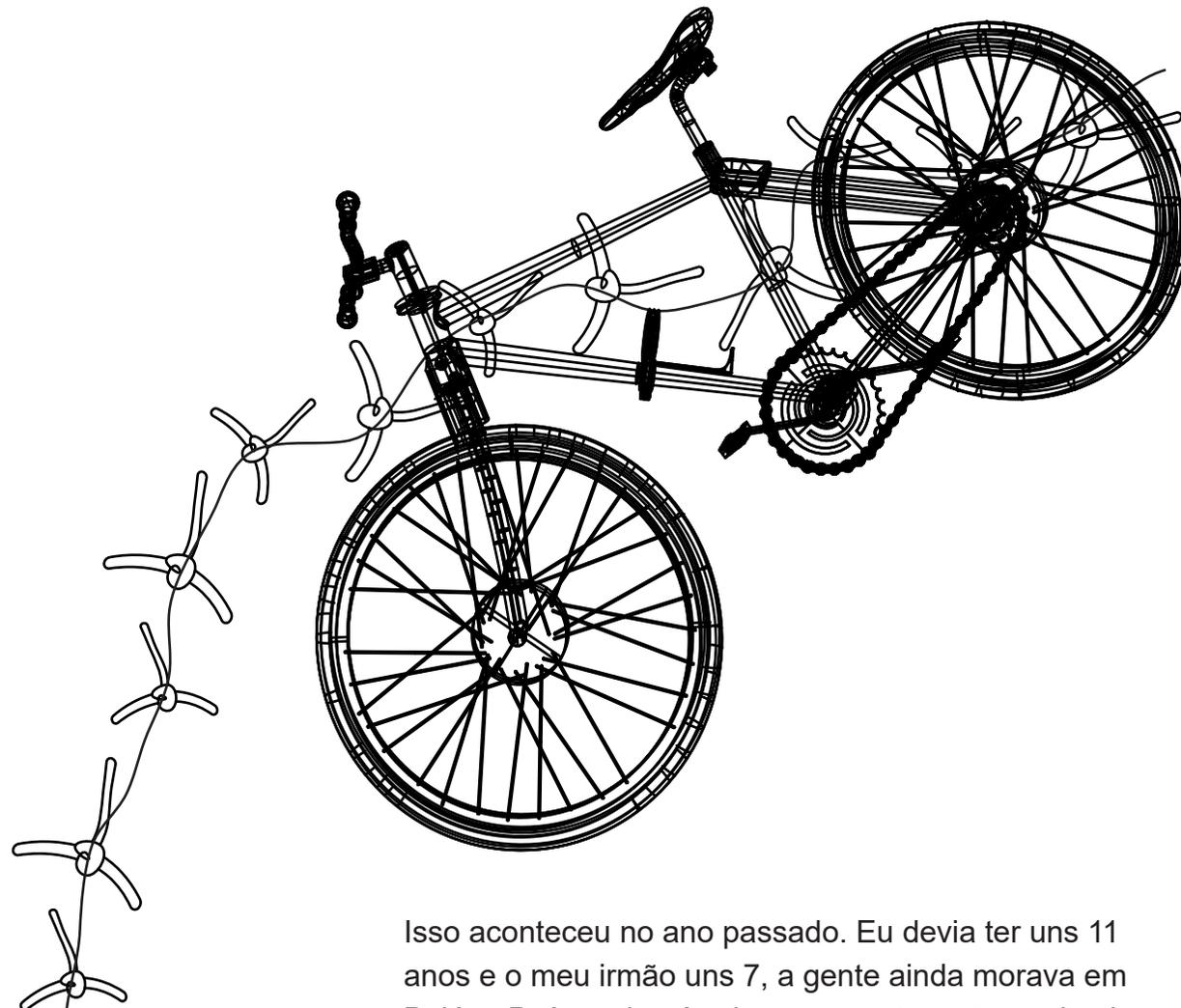
ZE - KI - NHA !

Minha mãe gostava de ir ao shopping no calor por que lá tinha ar condicionado. Então entramos numa loja bem grande, cheia de roupas penduradas. Ela não ia comprar nada mas achava divertido olhar as roupas. Eu não achava isso nada divertido, pra mim diversão era entrar e sair por debaixo das roupas penduradas. Ela olhava pra roupa e olhava pra mim. Queria ter certeza que eu estava lá. Mas teve uma hora que ela olhou pra mim e eu estava escondido debaixo das roupas e ela gritou meu nome desesperada, várias vezes. Eu sai debaixo da roupas e disse: " Para de gritar mãe!!" e ela me disse " Para de se esconder!" Acredito que ela não achou a minha diversão divertida!!

ZE - KI - NHA !

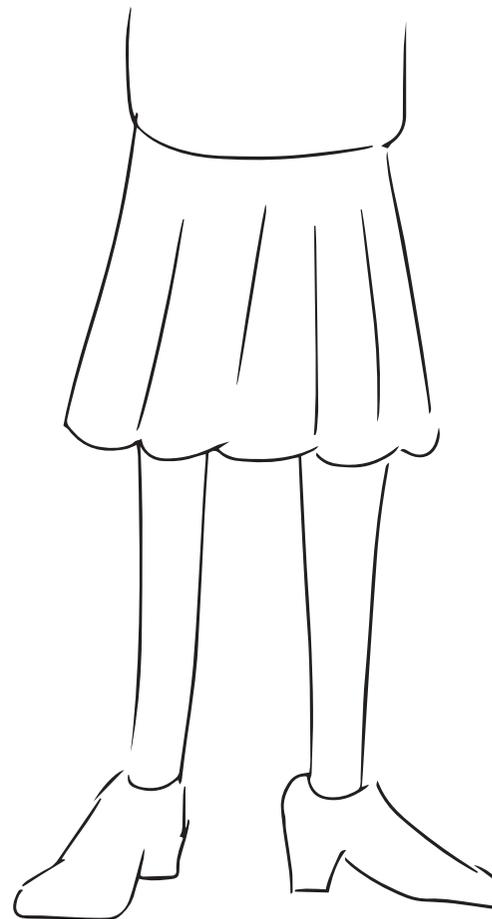
ZE - KI - NHA !



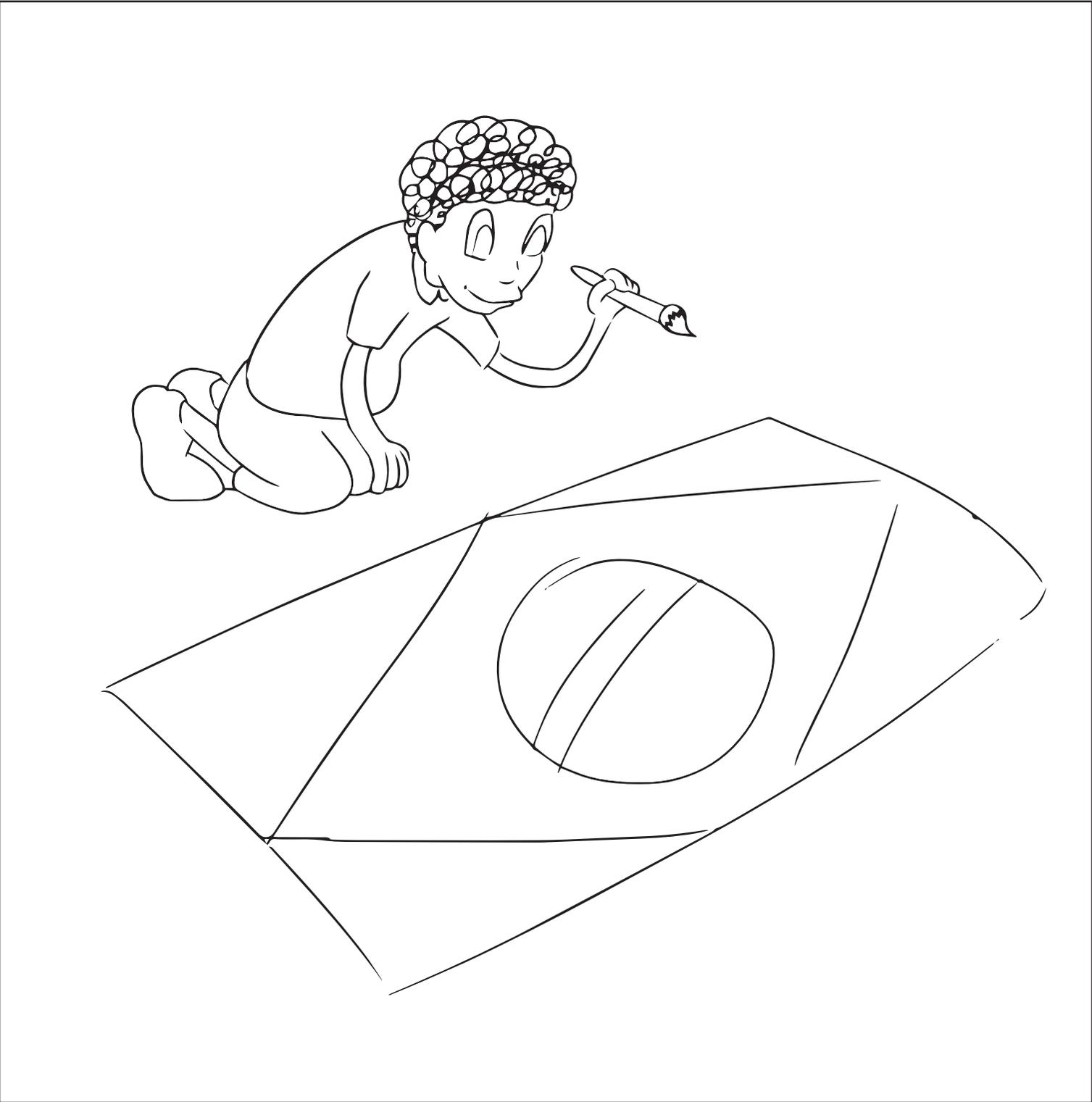


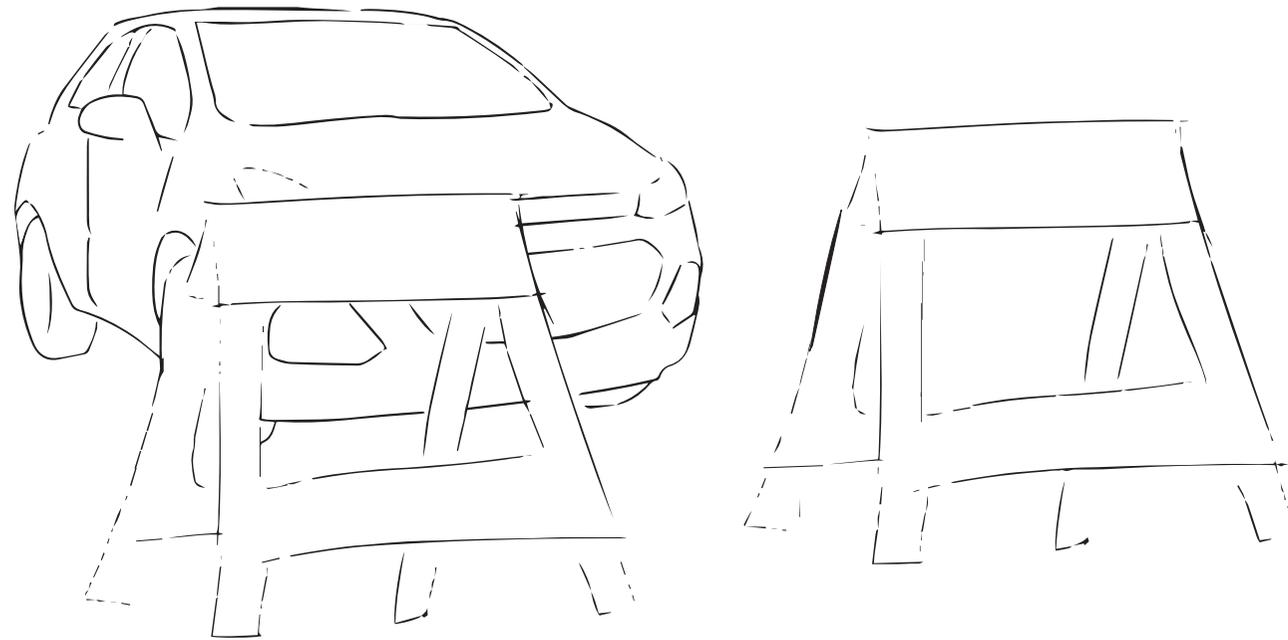
Isso aconteceu no ano passado. Eu devia ter uns 11 anos e o meu irmão uns 7, a gente ainda morava em Belém. Daí um de nós chamou o outro, não me lembro quem foi, pra andar de bicicleta numa praça sem a mãe saber e sem o pai saber, claro. Nessa praça tinha uma ponte pequena, eu passei de bicicleta por baixo da ponte e abaixei a cabeça. Meu irmão também passou masnão abaixou. Ele abriu a cabeça de ponta a ponta tomou 32 pontos. Daí não deu pra esconder.





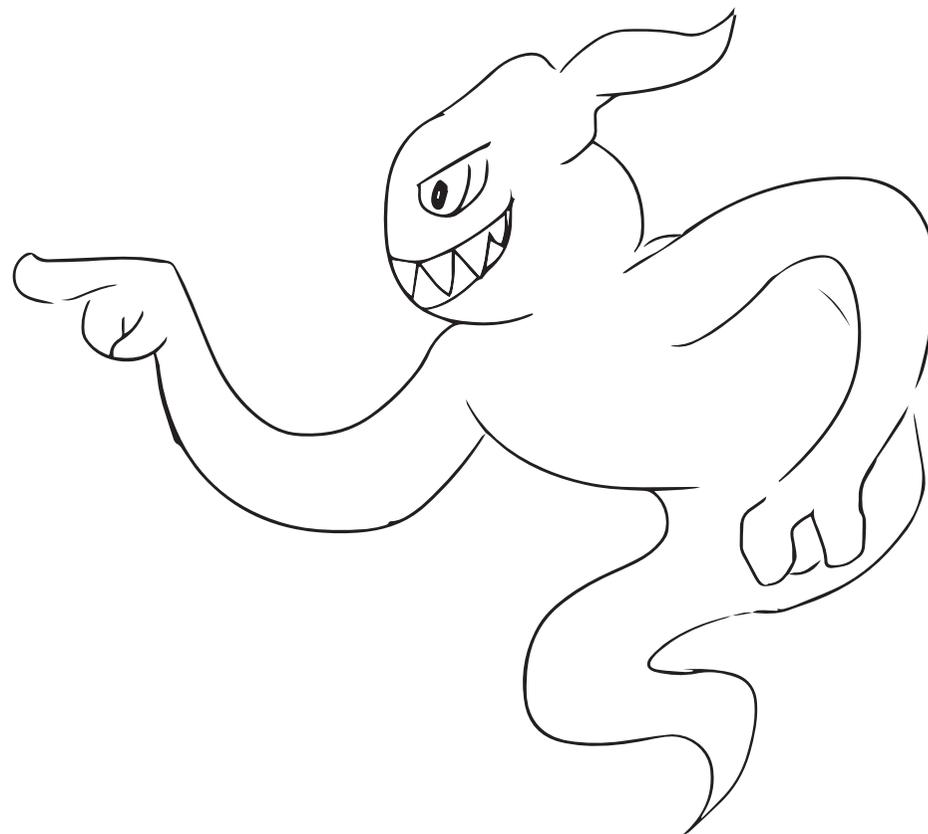
Quando minha irmã tinha uns 7 anos, ela tinha mania de comprar roupinhas de boneca na feira. Então minha mãe e ela iam todos os finais de semana na feira comprar as tais roupinhas. Chegando em casa elas lavavam as roupinhas e passavam. Daí que minha mãe comprou um sofá lindo, caro. Eu resolvi ajudar na tarefa, peguei as roupinhas que elas tinham lavado e fui passar em cima do sofá novinho. Então eu queimei todas as roupinhas e o sofá novinho também. Minha irmã ficou chateada, minha mãe nem te conto!!



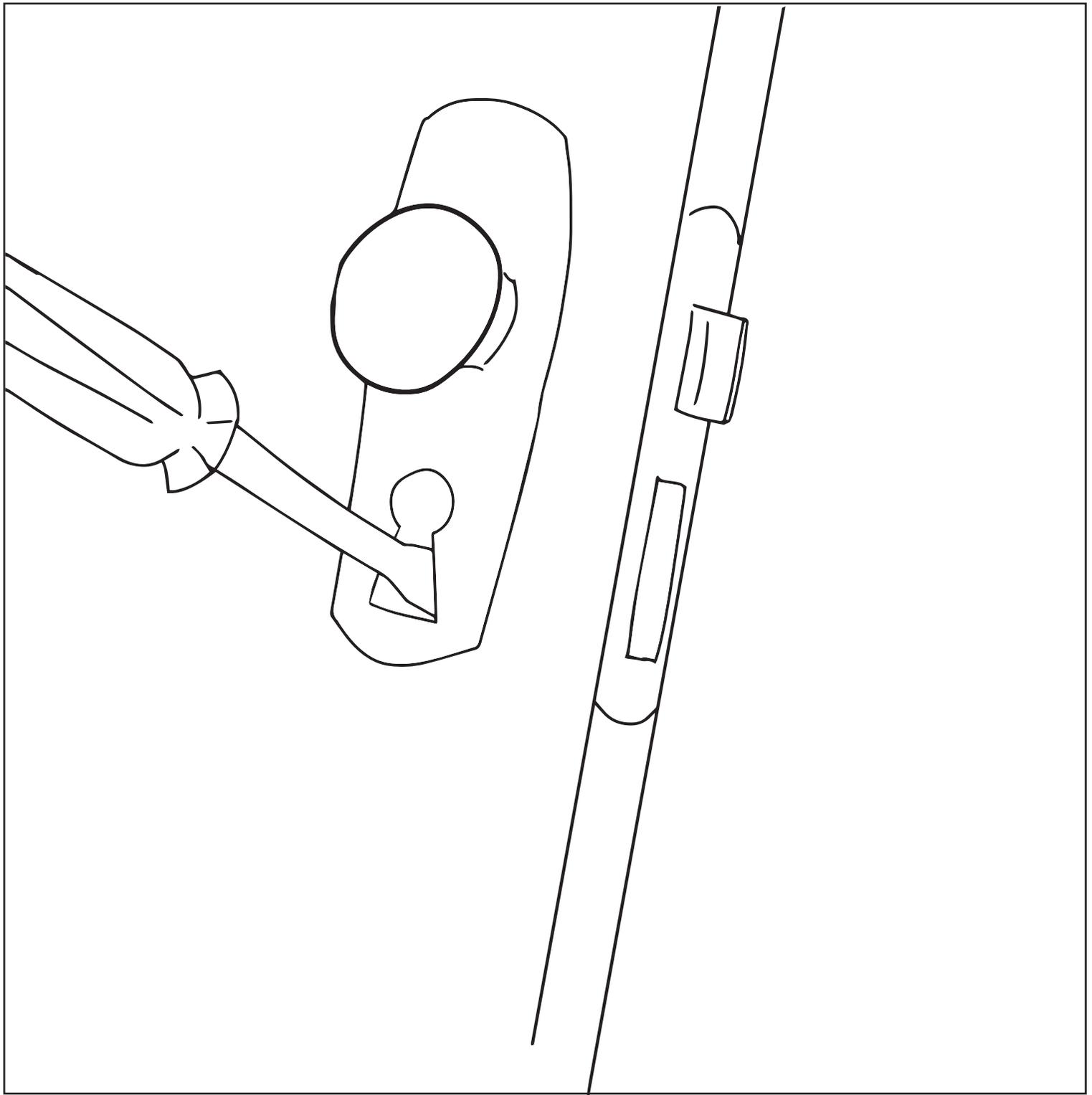


Isso aconteceu dias antes do inicio da copa. Tinha muita molecada na rua, eu tinha por volta de dez anos. Na rua tinha os mais novos misturados com os mais velhos, era uma cambada. A gente fechava a rua pra pintar, mas ninguém respeitava, sempre os carros passavam e estragavam tudo. Daí os moleques mais velhos tiveram a idéia de pegar os cavaletes da CET e colocaram bem na frente da rua. Só que essa rua tinha muito movimento, passava ônibus e tudo. Daí os ônibus começaram a desviar do caminho e não sabiam pra onde ir. Paravam no cruzamento sem saber que direção tomar e a gente pintando a rua no bem bom, enfeitando a rua com fitinha e tudo. Só depois de umas 6 ou 7 horas a gente liberou a rua pro transito. Afinal,tínhamos que esperar a tinta secar, né?





Tenho um amigo chamado Rafate, acho que ele tem descendência árabe. Rafate mora numa casa bem simples, tipo um barraco de madeira. Sabe a brincadeira do espírito do copo?, então fomos fazer isso lá na casa dele. Fazíamos perguntas e nesse dia o espírito disse que era um espírito do bem e começou a responder nossas perguntas, até aí tudo bem. Daí que no outro dia resolvemos fazer essa brincadeira novamente. O Rafate tinha um irmão que tinha desaparecido, sumido mesmo. Esse irmão do Rafate era metido em rolo, tipo meio pesado, daí que na brincadeira o espírito disse que era esse irmão dele. O espírito disse que ele não era amigo e que era um cara do mal e que ia fazer nós todos chorar. Ele disse que só deixava a gente ir embora se a gente desse sal pra ele e que tínhamos que chorar. Foi o que aconteceu a molecada de 10 anos chorando feito criancinha. Pra complicar, começou um vendaval do nada. Saímos correndo, fiquei com muito medo durante vários dias. Até pedi pra dormir no quarto da minha mãe.





Eu tinha 2 anos mais ou menos. Estava com minha mãe em casa. Eu brincando no banheiro. Meus pais deixavam a chave do lado de dentro pra trancar a porta . Eu brincando de abrir e fechar a porta do banheiro. Não sei te dizer como, mas sem mais nem menos a porta fechou e trancou por dentro. Minha mãe ficou do lado de fora e eu dentro rindo. Eles começaram a ficar desesperados. E aí nesse desespero, meu pai ligou pro bombeiro pra pegar uma orientação. O que eles deveriam fazer?. A atendente do bombeiro sugeriu que eles me mandassem para um canto do banheiro e eles derrubassem a porta. Sem chance, isso poderia me machucar. Então minha mãe conseguiu com uma chave de fenda, ficar cutucando até abrir a porta. Foi muita sorte. Foi muito tenso. Pra eles, porque eu achei muito engraçado!

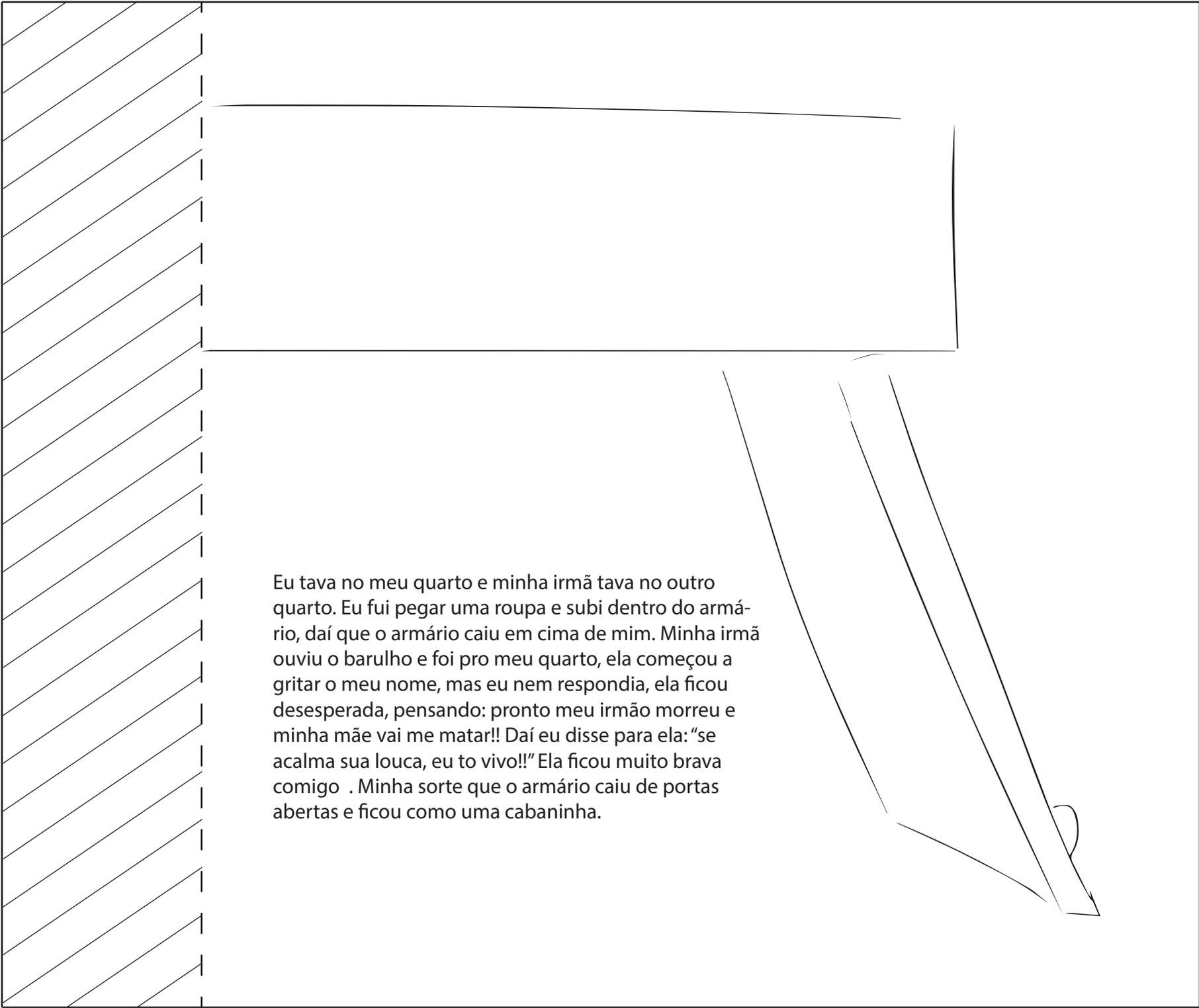
Surpresa





Adorava dar susto nas pessoas, principalmente na minha vó coitada. Sou bom de dar susto. Quando brincava de esconde-esconde ninguém me achava, porque eu me enfiava em algum canto insuspeito. Então eu entrava no armário de roupa e ficava lá escondidinho, porque eu sabia que a minha vó ia guardar as roupas lá. Quando ela abria eu dava aquele susto nela. Hoje eu penso que eu podia ter matado ela do coração. Eu dava susto nas minhas irmãs também. Teve uma vez que a minha irmã mais velha ia fazer aniversário, acho que era 14 ou 15 anos, fiquei brincando com ela o dia inteiro e dizendo: quando for meia noite eu vou puxar suas pernas!! E ela era daquelas que gostava de bater, e eu gostava de correr. A gente fez uma surpresa de aniversário pra ela, a gente comprou o sapato que ela muito queria, fez um bolo e a gente se escondeu na cozinha. Aí deu meia noite. Ela dormindo. Eu fui lá e puxei os pés dela. Ela estava inconscientemente preparada. Daí sai correndo e ela atrás de mim, eu fui direto pra cozinha e o susto dela foi ver todo mundo esperando e gritando SURPRESA!!!





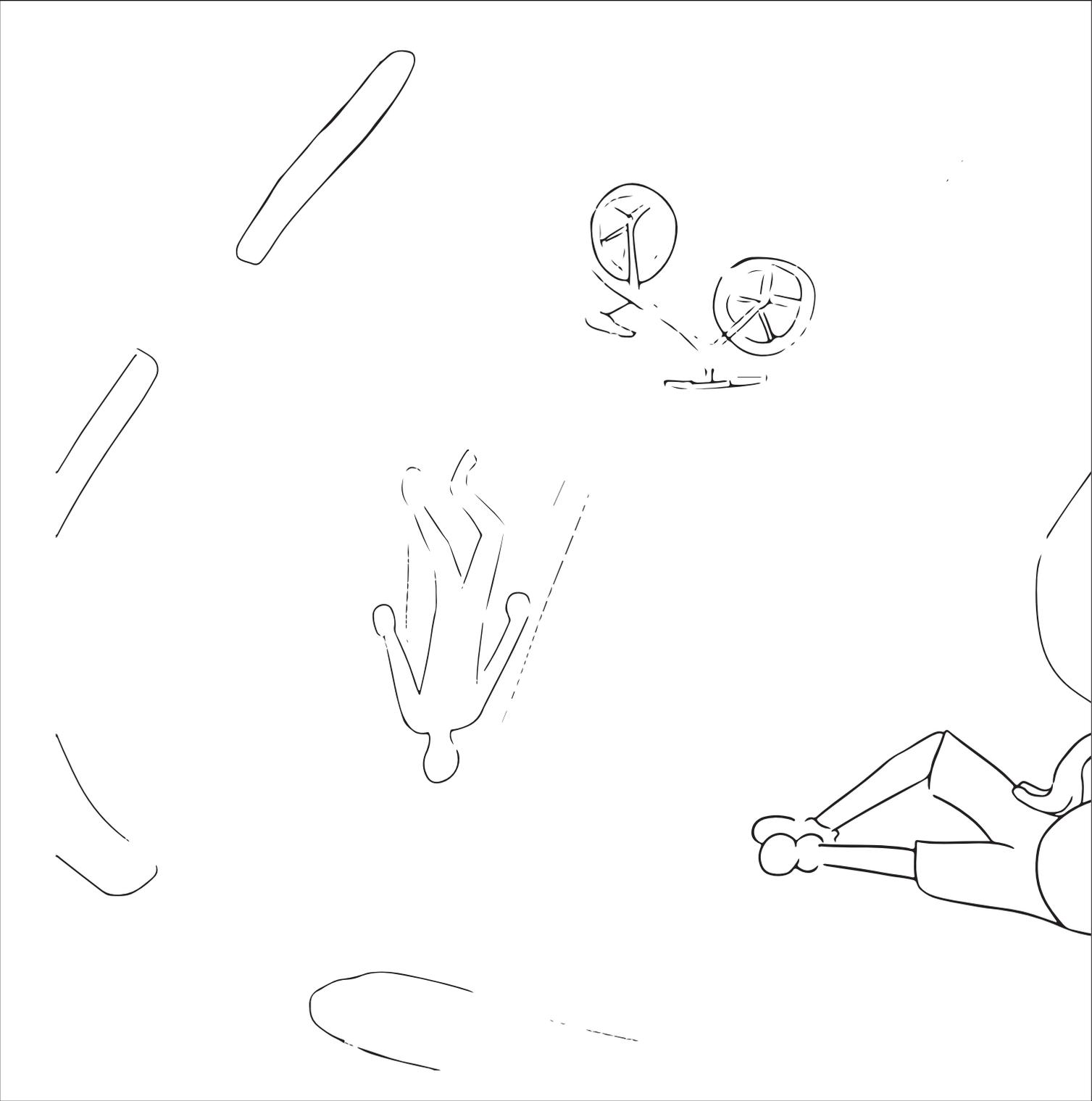
Eu tava no meu quarto e minha irmã tava no outro quarto. Eu fui pegar uma roupa e subi dentro do armário, daí que o armário caiu em cima de mim. Minha irmã ouviu o barulho e foi pro meu quarto, ela começou a gritar o meu nome, mas eu nem respondia, ela ficou desesperada, pensando: pronto meu irmão morreu e minha mãe vai me matar!! Daí eu disse para ela: "se acalma sua louca, eu to vivo!!" Ela ficou muito brava comigo . Minha sorte que o armário caiu de portas abertas e ficou como uma cabaninha.

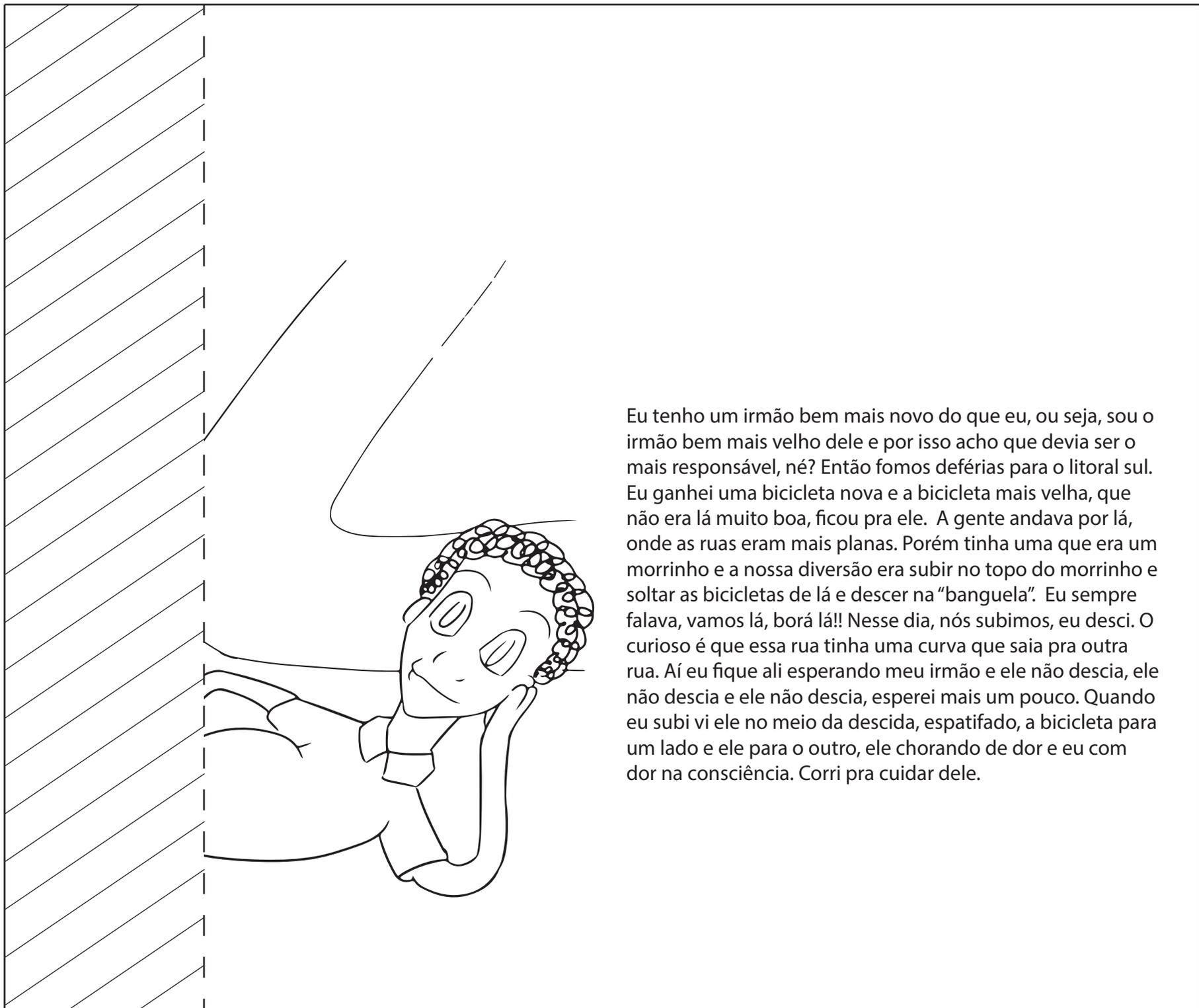




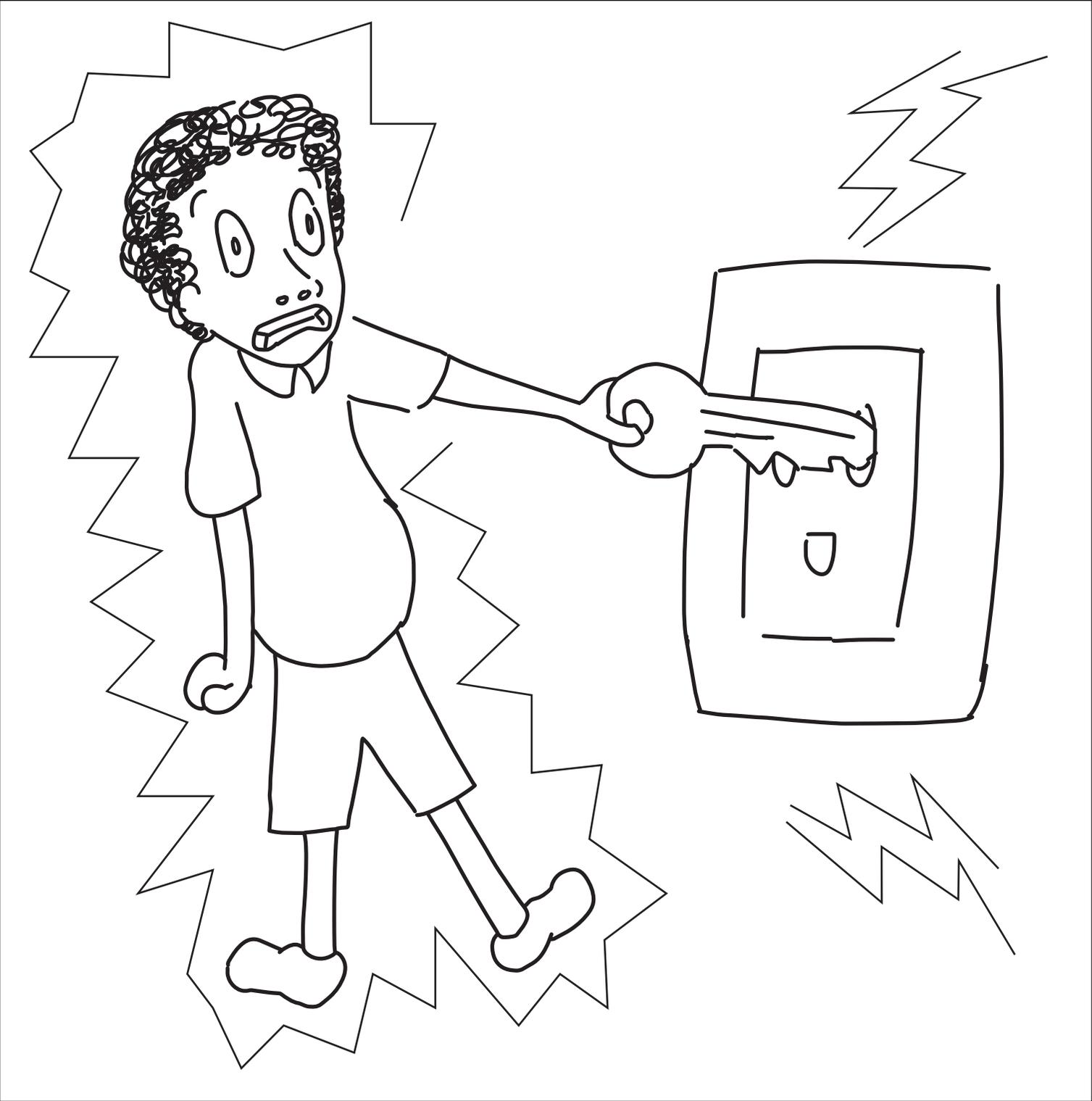
Outro dia minha mãe comprou uma planta bem grande. Ela disse que se chamava samambaia. A planta estava na área de serviço em cima de uma mesinha alta. Do lado da mesinha tinha uma caixa de papelão, onde veio a terra e sei lá mais o que. Só sei que ela ia usar essas coisas para plantar a plantona. Eu queria ver de perto, mas ela falava: "Sai daí menino, vai se machucar". Minha mãe estava na cozinha guardando a louça recém lavada e eu atentando a plantona. Peguei a caixa para brincar e fiquei rodando ela de uma lado pro outro. Até que cai na caixa e a caixa derrubou a plantona em cima. Chorei um chorinho seco, abafado. Minha mãe começou a me chamar mas eu não conseguia responder, foi quando ela olhou pra perto da plantona e estava eu dentro da caixa, enfiado na terra com a plantona caída por cima, somente com os meus pezinhos pra fora. Hoje eu penso na Branca de Neve quando lembro disso: "Sepultada viva!!"

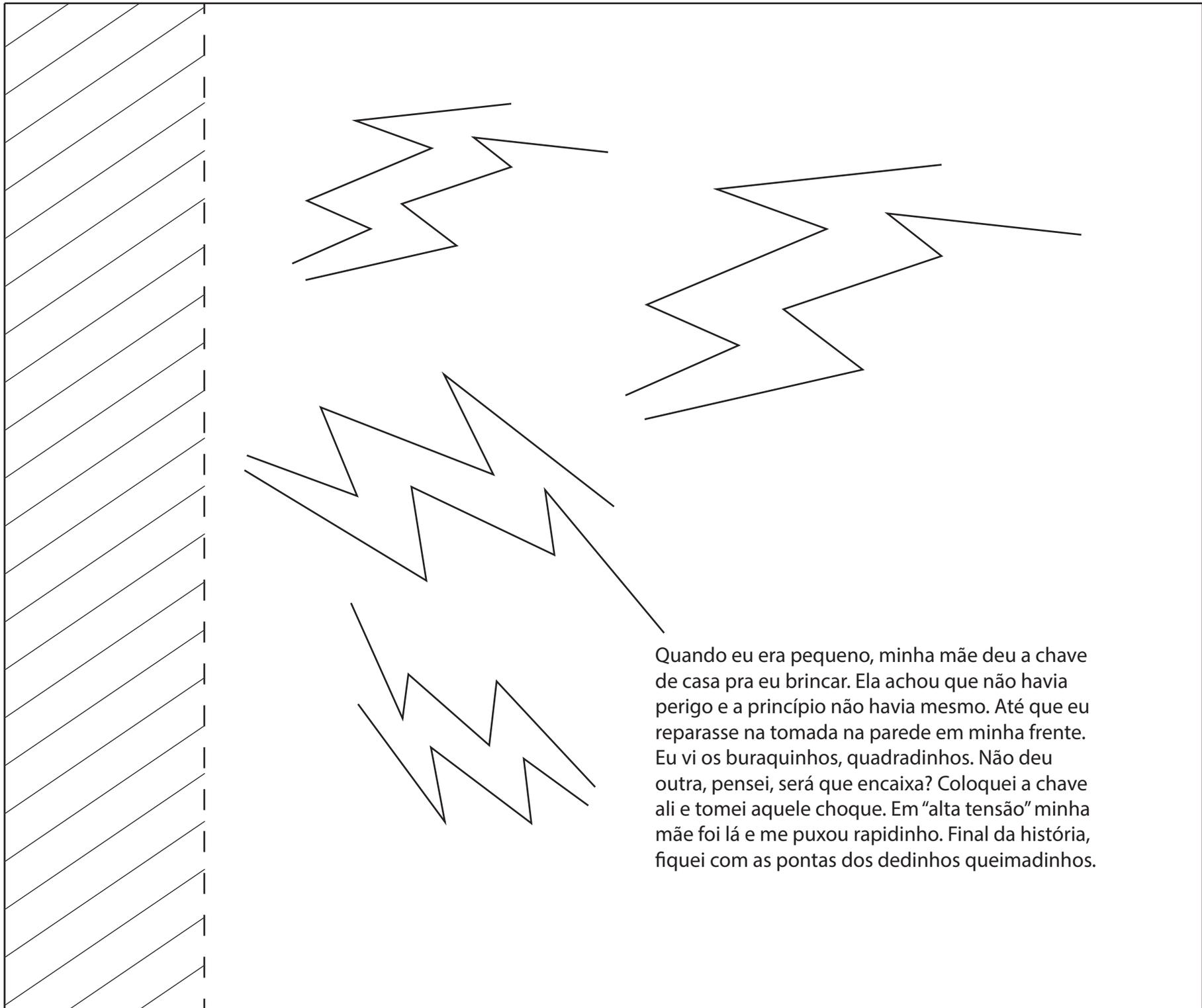






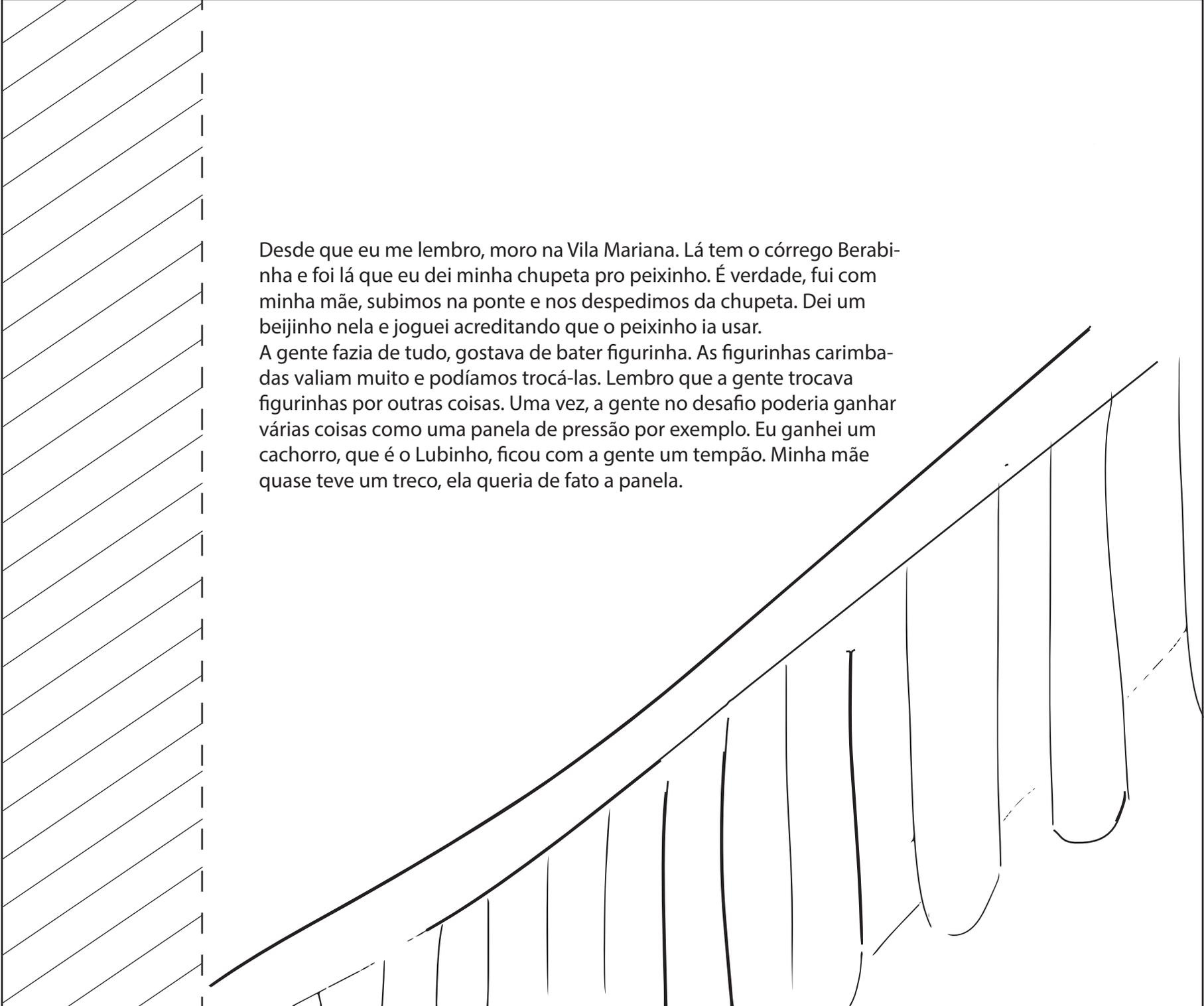
Eu tenho um irmão bem mais novo do que eu, ou seja, sou o irmão bem mais velho dele e por isso acho que devia ser o mais responsável, né? Então fomos de férias para o litoral sul. Eu ganhei uma bicicleta nova e a bicicleta mais velha, que não era lá muito boa, ficou pra ele. A gente andava por lá, onde as ruas eram mais planas. Porém tinha uma que era um morrinho e a nossa diversão era subir no topo do morrinho e soltar as bicicletas de lá e descer na “banguela”. Eu sempre falava, vamos lá, borá lá!! Nesse dia, nós subimos, eu descí. O curioso é que essa rua tinha uma curva que saía pra outra rua. Aí eu fiquei ali esperando meu irmão e ele não descia, ele não descia e ele não descia, esperei mais um pouco. Quando eu subi vi ele no meio da descida, espatifado, a bicicleta para um lado e ele para o outro, ele chorando de dor e eu com dor na consciência. Corri pra cuidar dele.





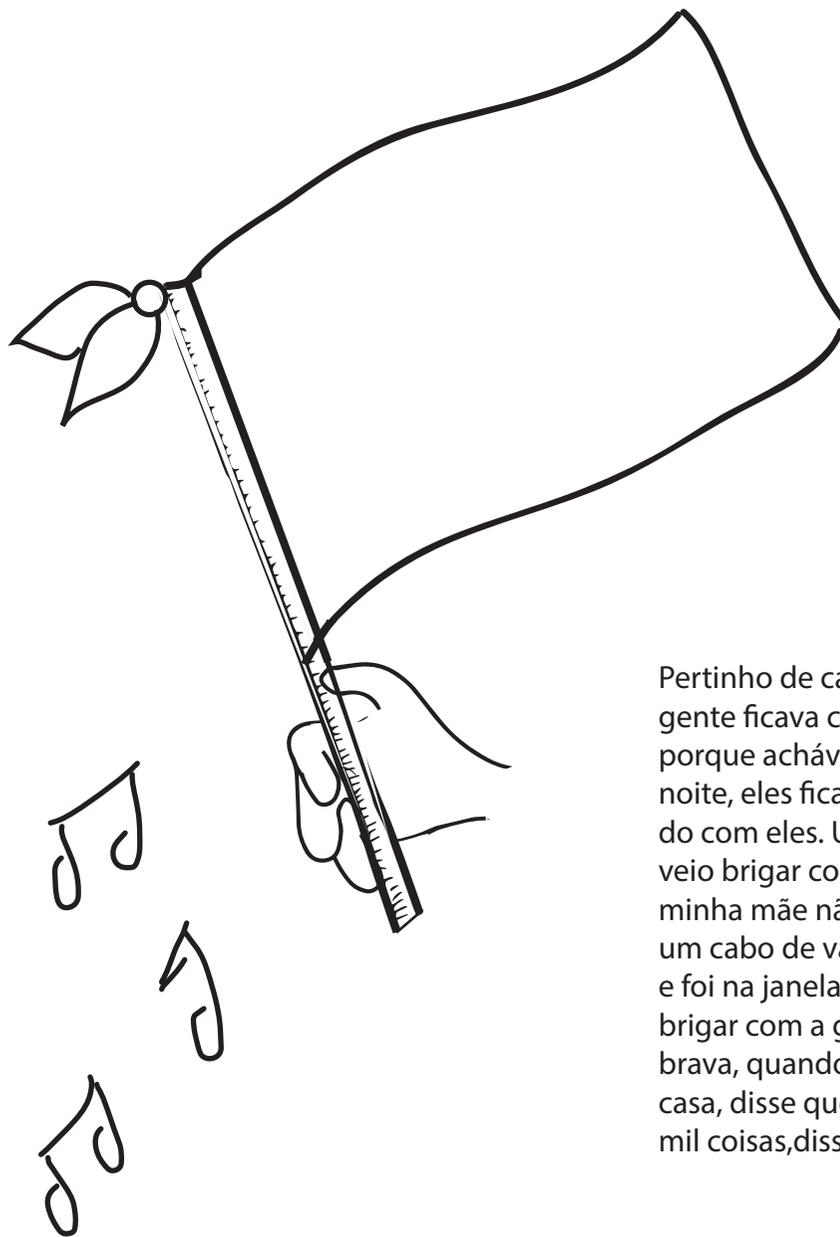
Quando eu era pequeno, minha mãe deu a chave de casa pra eu brincar. Ela achou que não havia perigo e a princípio não havia mesmo. Até que eu reparasse na tomada na parede em minha frente. Eu vi os buraquinhos, quadrados. Não deu outra, pensei, será que encaixa? Coloquei a chave ali e tomei aquele choque. Em "alta tensão" minha mãe foi lá e me puxou rapidinho. Final da história, fiquei com as pontas dos dedinhos queimadinhos.





Desde que eu me lembro, moro na Vila Mariana. Lá tem o córrego Berabinha e foi lá que eu dei minha chupeta pro peixinho. É verdade, fui com minha mãe, subimos na ponte e nos despedimos da chupeta. Dei um beijinho nela e joguei acreditando que o peixinho ia usar. A gente fazia de tudo, gostava de bater figurinha. As figurinhas carimbadas valiam muito e podíamos trocá-las. Lembro que a gente trocava figurinhas por outras coisas. Uma vez, a gente no desafio poderia ganhar várias coisas como uma panela de pressão por exemplo. Eu ganhei um cachorro, que é o Lubinho, ficou com a gente um tempão. Minha mãe quase teve um treco, ela queria de fato a panela.





Pertinho de casa tinha um centro de Umbanda, a gente ficava cantando as músicas do centro porque achávamos engraçadas. De tarde e a noite, eles ficavam cantando e a gente batucan-
do com eles. Uma vizinha ficou muito ofendida e veio brigar com a gente, justo num dia que minha mãe não estava em casa. A gente pegou um cabo de vassoura, amarrou um lençol branco e foi na janela pedindo paz para a mulher não brigar com a gente. A mulher ficou muito mais brava, quando minha mãe chegou ela veio em casa, disse que ia chamar a polícia, que ia fazer mil coisas, disse que nós fizemos mal criação.





Quando eu era menor, tinha por volta de 8 anos, eu estava com minha mãe no sítio. Lá não tem água encanada, tem que puxar do poço. No nosso sítio tem um poço de 35 metros e no do vizinho um de 5 metros de profundidade. Aí ela falou assim: Fio, vamos lá no vizinho, seu Manuel, que eu pedi e ele deixou eu lavar a roupa no sítio dele e você vai comigo pra puxar a água. Vai encher os balde e as bacias tudinho e o tanque. Só que lá tem uma laje, você não vai subir em cima dessa laje. Não é pra você subir em cima dessa laje, tá ouvindo o seu Zekinha? Eu respondi a ela: Tá bom mãe. Então vamos! Ela disse.

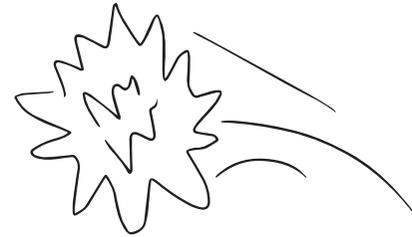
Mas era época de pipa, daí quando eu vi que ela estava de costa lavando a roupa, e eu já tinha enchido os baldes tudo, o que me acontece? Eu olho pro alto e veja as pipas no alto. Justo em cima daquela laje caiu um pipa! Antes da gente vir, ela falou, cata as roupas e leva pra lavar, os lençóis e tudo. Eu peguei a minha lata de linha, peguei o meu pipa, enrolei no meio das roupas e levei. Daí quando chegou lá, que eu vi que o pipa caiu em cima da laje, eu olhei os balde tudo cheio e ela entretida assoviando lavando a roupa dela, eu olhei assim e subi na laje.

Daí me lembrei que quando a gente chegou lá ela tinha dito que não era pra eu subir, porque encostado tinha uns vidros que seu Manuel ia mandar colocar na janela e se eu quebrasse que ela não tinha dinheiro pra pagar.

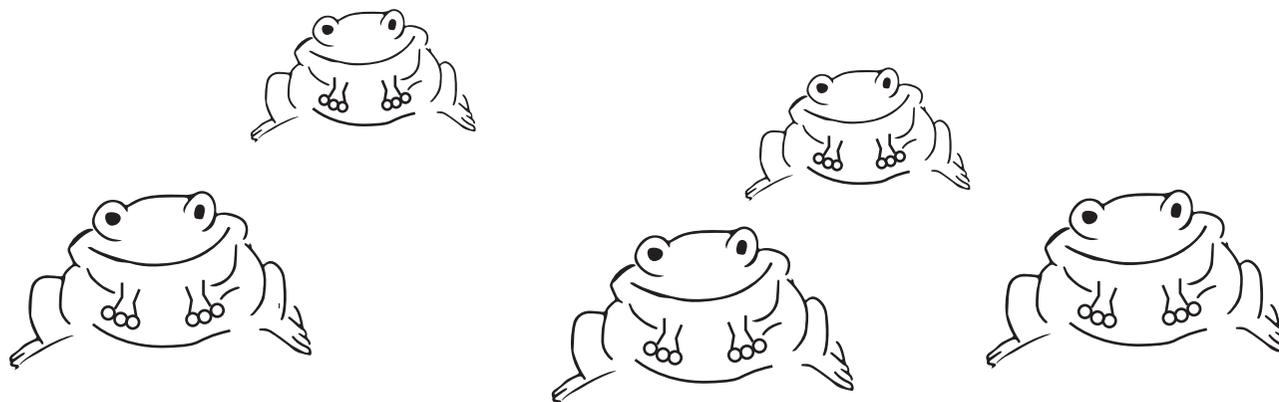
Enquanto eu puxava a água fiquei na minha artinha procurando um lugarzinho pra poder subir. A parede que segurava a laje era de tijolinho vazado e não tinha escada nem nada. Aí eu peguei, olhei, ela tava entretida, eu catei meu pipa, mas quando olhei pra cima da laje vi os pipas que caíram, eram 2, eu disse: É meu!! Nessa que eu falei que é meu, eu subi rapidinho. Quando eu subi, catei os dois pipas, aí desci rapidinho e ela nada. Opa eu pensei, ela nada, então dá pra eu soltar esses pipas. Peguei minha linha e catando água, perguntei: ô mãe tá bom de água? Ela disse tá sim, agora pode descansar sentado aí. Eu falei: Tá bom!! E eu lá sentado e ela com atenção só na roupa e eu que eu fiz? Peguei minha linha, joguei pra cima e ela não escutou barulho e partiu subir na laje e fiquei empinando o pipa. Daí meia hora depois, ela: Zekinha, Zekinha e eu disse aí meu Deus ela tá me chamando. Peguei a minha linha e quebrei a minha linha mandando meu pipa embora e desci rapidinho. Só que nessa eu já tinha esquecido dos vidros. Quando eu desci, que eu desci, quebrei os vidros e tenho a marca até hoje da minha teimosia. Aí meu dedo do pé ficou pendurado, jorrando sangue. Minha mãe pegou meu pé, enrolou num lençol e disse: Vai ficar aí porque você é teimoso, é teimoso. Depois que ela terminou a roupa é que veio ver meu pé. O pé tava parecendo um pãozinho de tão inchado.



Nos fundos da casa da minha tia ficava um terreno vazio. Depois do terreno, o cemitério e não tinha muro pra separar. Então a gente pulava o muro dos fundos da casa da minha tia, colhia um monte de mamona. Sabe, a mamona é uma das plantas mais mortíferas do mundo, e ia pro cemitério. Lá eu e meus primos nos escondíamos e ficávamos jogando as mamonas nos eventuais visitantes. A grande maioria das vezes a gente não acertava, mas quando acertava não ficávamos pra ver a reação, saíamos correndo.

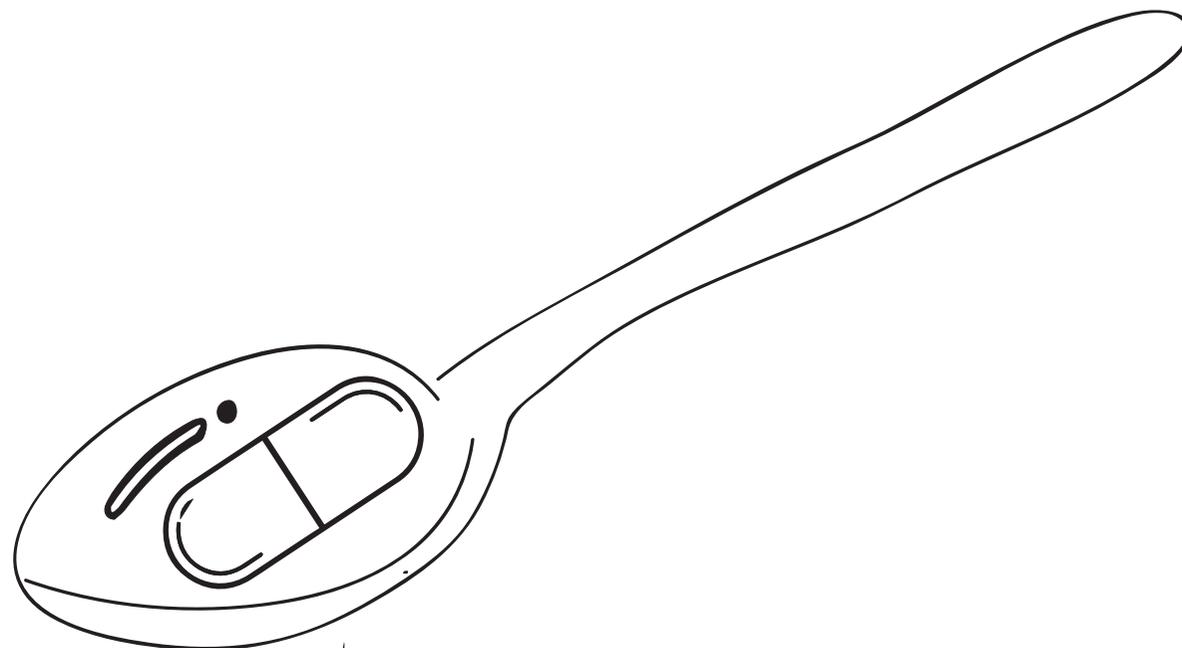




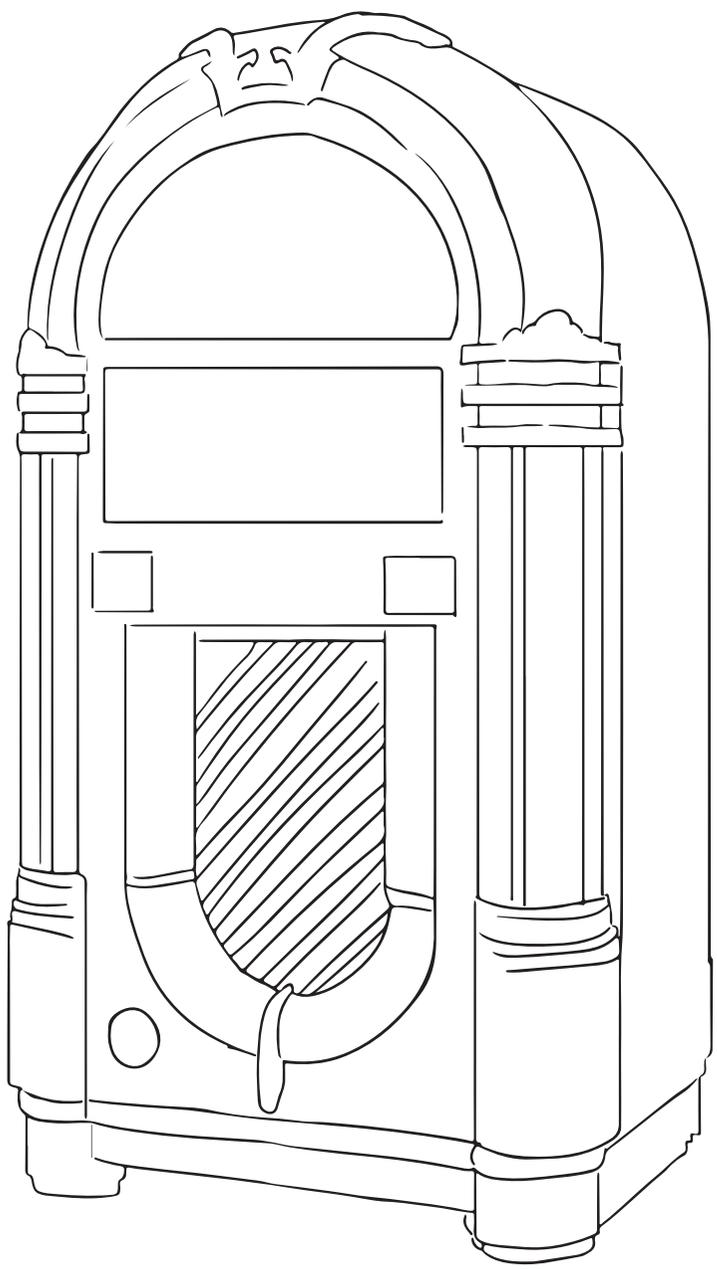


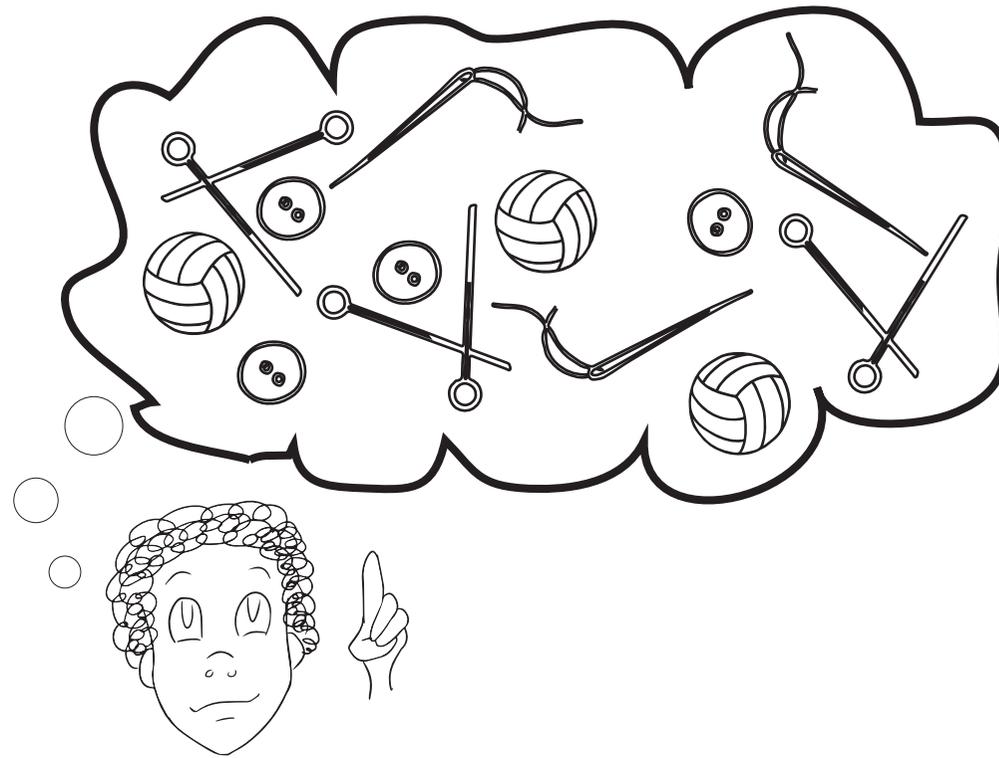
Na casa de praia da Barra do Sahy, uma casa pequena de pescador no alto do morro, que meu pai alugava com meu tio, passávamos os finais de semana. Meu pai era casado com a Sandra, sua segunda mulher. Meus pais se divorciaram cedo, quando eu tinha 3. Na época desta história eu tinha sete. Era de noite. Sandra dormia num dos quartos. A iluminação era pouca. Ele pegou uma rã e falou: - vamos colocar no travesseiro da Sandra? Eu achei a idéia ótima, demos risada. Ele segurou o bicho nas mãos bem na frente dela, que acordou aos berros: - Aaaiii.





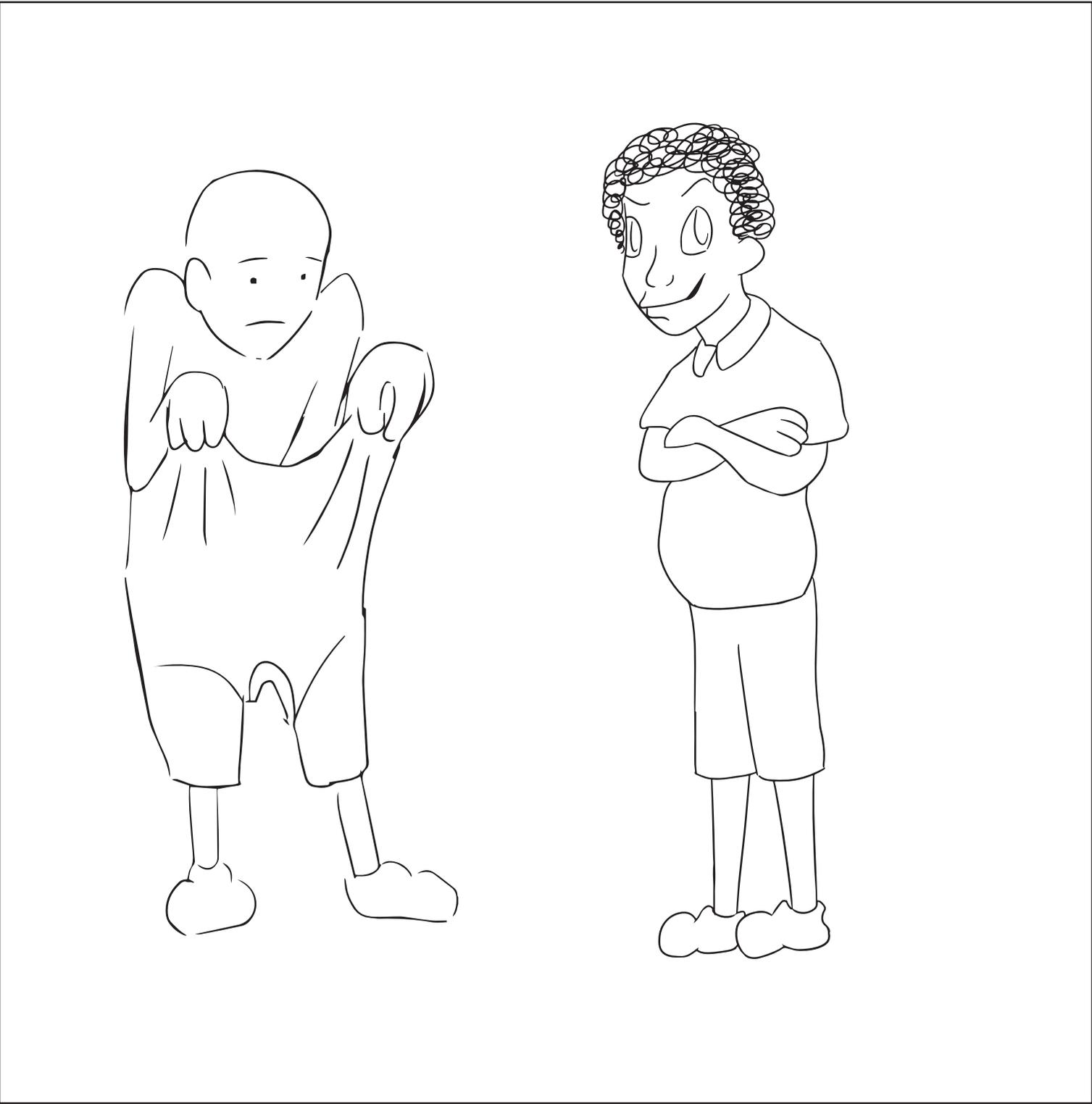
Num gosto de tomar remédio. Remédio é ruim. Mas minha mãe disse que eu tinha que tomar pra ficar bom. Então minha mãe fez de tudo pra eu tomar o bendito. Começou a força e eu resisti. Daí ela começou a trocar coisas comigo. Ela me deixava assistir um desenho que eu queria em troca de eu tomar o remédio. Até que ela liberou o vídeo game durante a semana. Daí ela vinha negociar, ela disse: quando você terminar essa fase, vai tomar o remédio bem bonzinho. Eu tava jogando um jogo de carrinhos e apesar de ter só quatro anos, mando muito bem nesse jogo. Eu disse pra ela: Tá mãe quando eu terminar essa partida eu tomo sem fazer birra. Ela sentou no meu lado e ficou assistindo. Eu sou muito competitivo, mas não estava com pressa de tomar o remédio. A partida do jogo consistem em 3 voltas. As duas primeiras mandei bem, mas na terceira quando comecei a avistar a linha de chegada fui mais devagar, mais devagar e quando cheguei no limite da linha parei o carro, olhei pra minha mãe que disse: vamos Zekinha... já chegou né? Eu engatei a ré no carro e comecei a voltar.

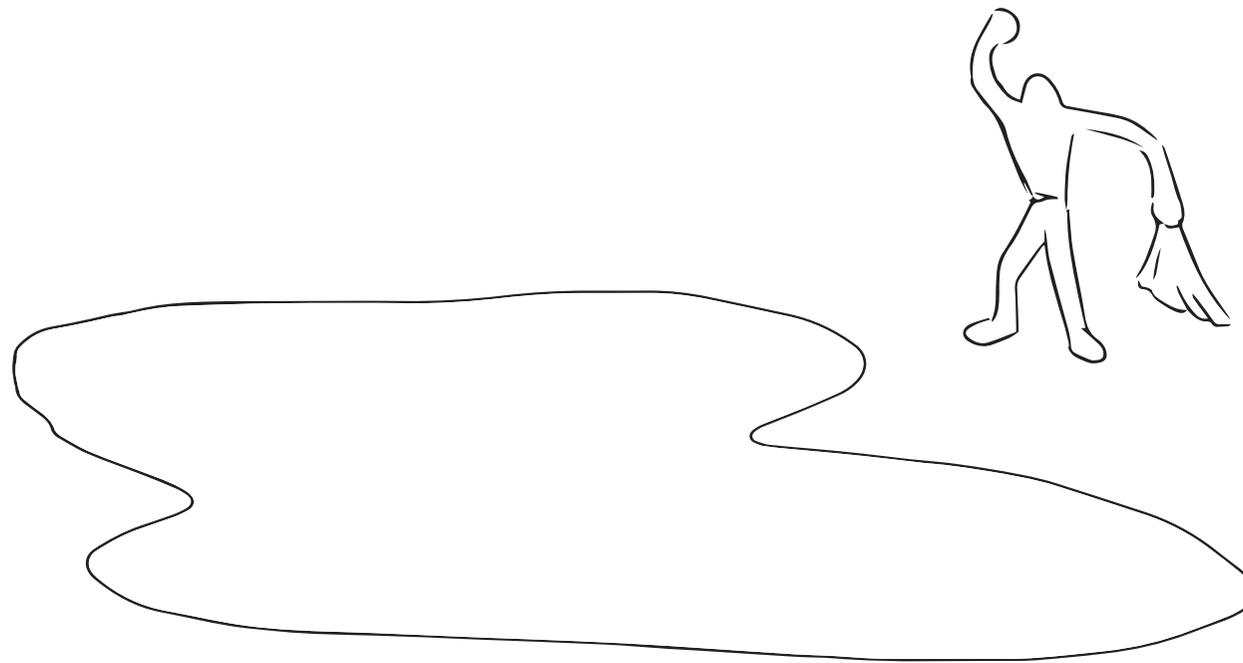
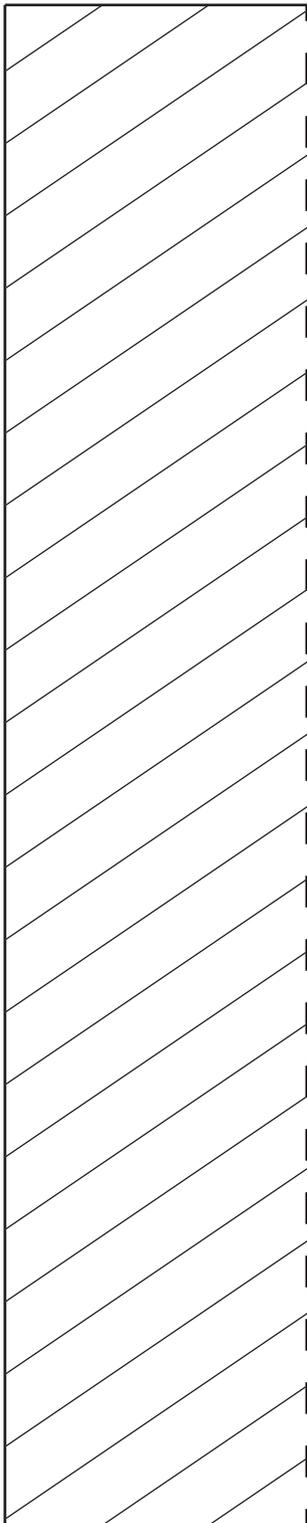




Ô menino, abaixa o volume do rádio... Está atrapalhando minha conversa com a comadre Lourdes. Esses meninos!

Eu passava horas olhando para o rádio e pensando como uma caixa de madeira podia conversar com a gente, transmitir os programas do Omar Cardoso, Heron Domingues, jogos do Flamengo, Santos, Atlético Mineiro... Imaginava os dribles e, no dia seguinte, saía correndo até a banca de jornais e revistas do Sr. Giuseppe Leone para ver as fotos das jogadas dos meus times. Passei boa parte da minha infância escutando rádio, até os 13 anos, e ajudava o meu pai na alfaiataria chuleando calças, pregando botões, fazendo arremates e entregas. Esse era o momento mais especial, quando pegava a bicicleta Monark, vermelha, e saía com a missão de levar e ver a satisfação dos clientes ao receber uma calça bem-feita, que inclusive havia ajudado a fazer. Eu me sentia importante.

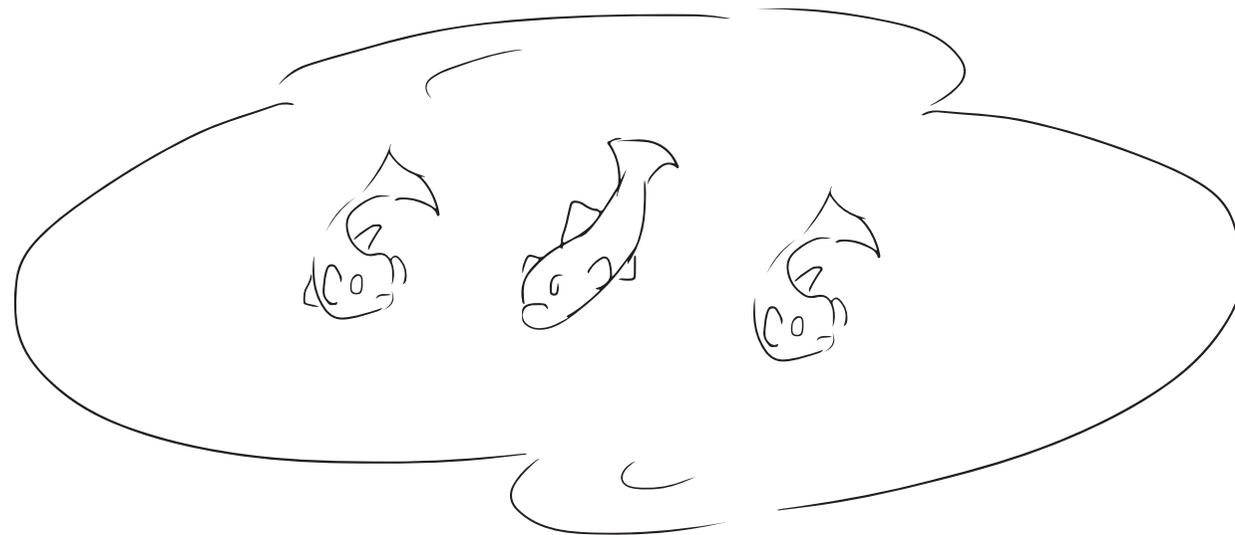


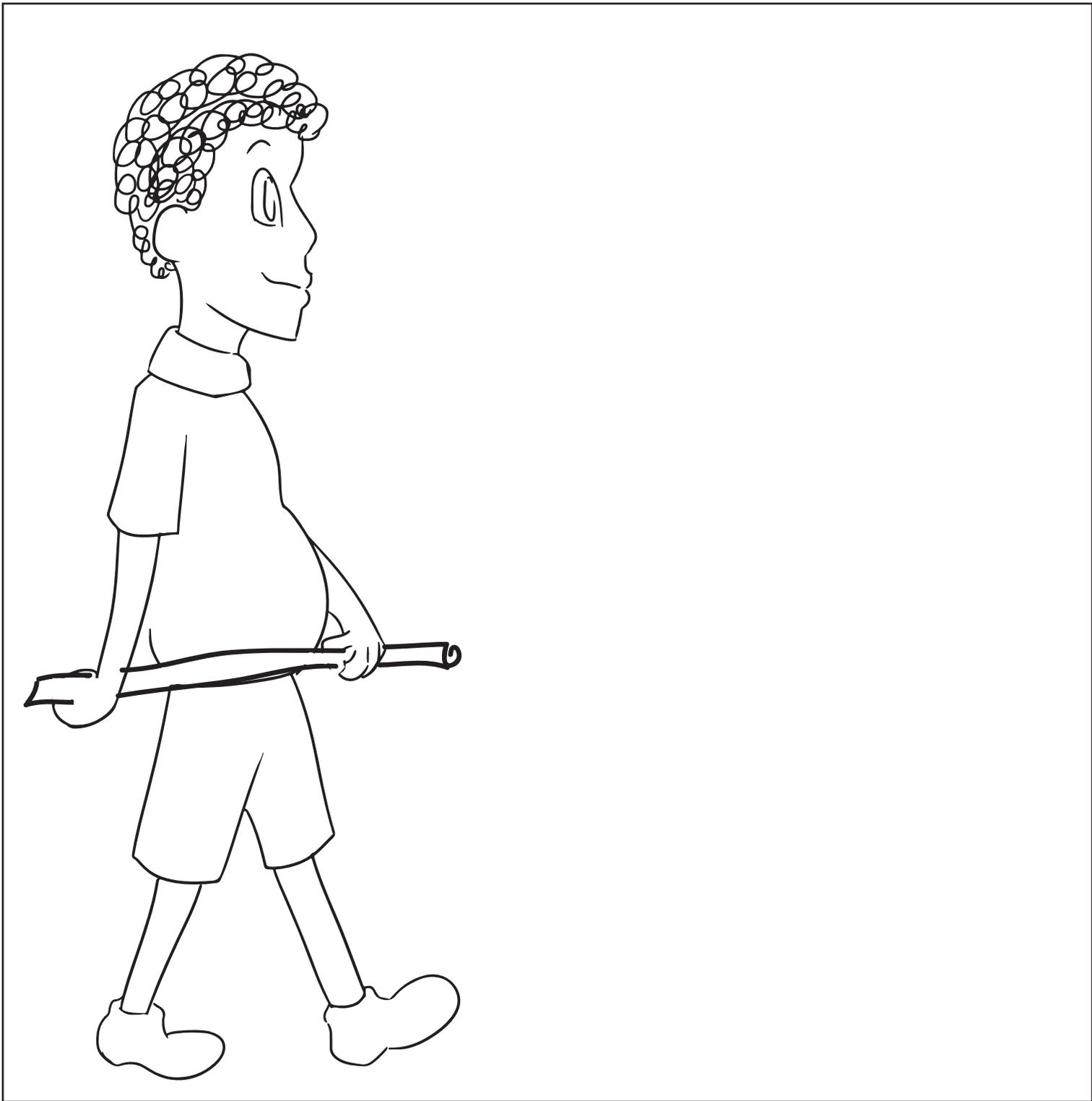


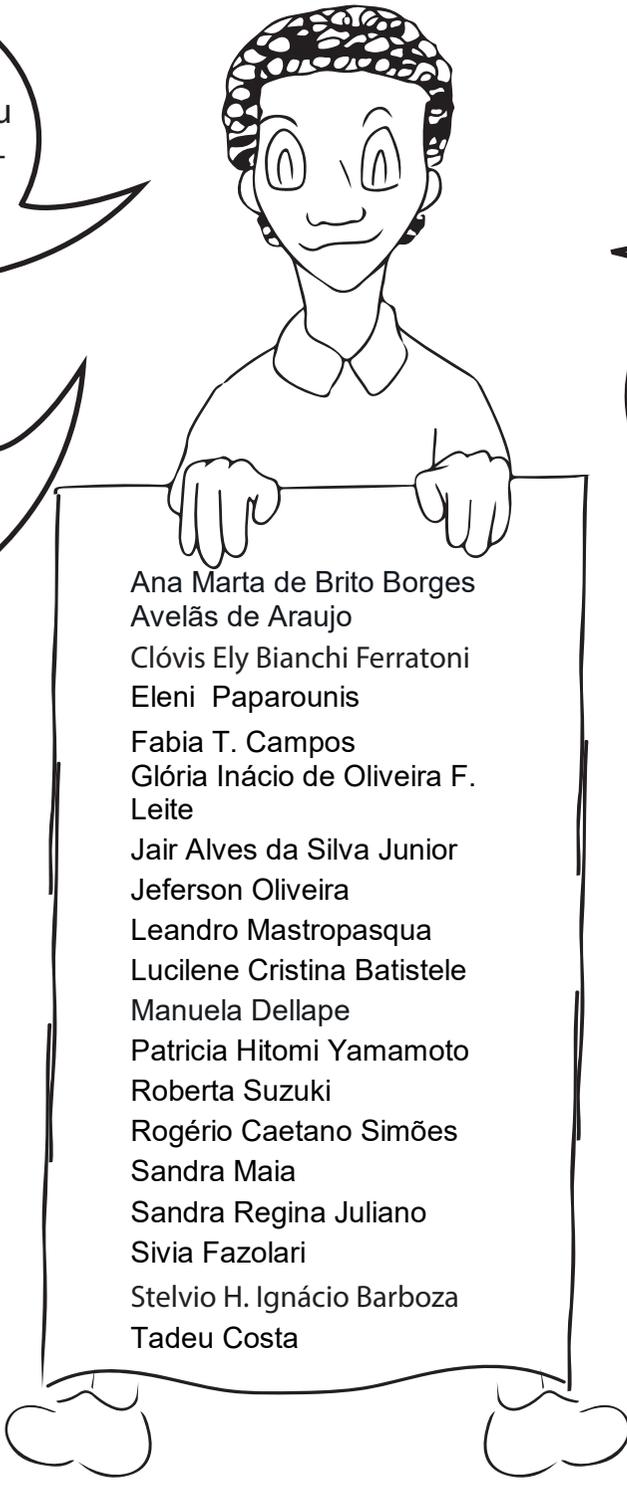
Eu tinha uma turma de amigos que moravam no interior de São Paulo, Pindamonhangaba. Lá tem uma fazenda muito grande com sete lagos. No final do terreno é um casarão. O que nós fazíamos? Reuníamos-nos 5, 6, 7 amigos, a gente saía pela manhã, pegava açúcar e chocolate, colocava num saquinho e partia pra essa fazenda. Era uma fazenda fechada não podia entrar. Íamos escondidos e ficávamos brincando e nadando. Um dos nossos amigos era surdo. Um belo dia, a gente brincando ali, de repente vem o capataz, sei lá, era quem cuidava da fazenda. Veio galopando no cavalo. Nós começamos a gritar, " bora!! Corre todo mundo!!" Mas o amigo surdo tava dentro da água e nem se ligou. Correu todo mundo e ele ficou para trás. O pior é que a gente nadava pelado, pra não molhar a roupa e nossas mães não brigarem com a gente quando chegávamos em casa. O capataz veio, falou um monte com ele lá e não obtinha resposta. A gente gritando de longe: ele não fala!! ele não fala!! ele é surdo!! O capataz que não tinha percebido a surdez do nosso amigo, pegou toda a roupa dele e levou embora. Tivemos que voltar pra casa com o garoto pelado. Daí pegaram uma camiseta, ele vestiu colocando as pernas no lugar dos braços , assim como um calção, amarramos na cintura pra não cair.



Eu tinha um bernal e a gente ia pescar. Só que o laginho ficava no sitio de um homem. A gente entrava escondido pra ele não ver. Daí que nesse dia a gente pegou bastante peixe grande, sabe aquele dia que deu bom? Num é que o homem viu! Ele foi até nós e disse: "passa os peixe pra cá!!" Ele levou todos e a gente ficou chupando o dedo. Mas ele tava certo porque o lugar era dele, a gente fez o favor de pescar pra ele. Nesse sitio também tinha jabuticaba. As árvores faziam o caminho até a casa do dono. As que estavam mais longe da casa tinham as jabuticabas mais miúdas e mais amarguinhas, mas conforme ia chegando perto da casa elas ficavam maiores e mais doces. Então onde você quer ir? Não deu outra! A carreira era maior, ainda mais quando os cachorros começavam a latir, mas chupamos muita jabuticaba da boa.





A cartoon character with curly hair, wearing a collared shirt and shoes, stands behind a large rectangular sign. The sign contains a list of names. The character has a neutral expression and is looking forward. The background is a simple line drawing with a hatched area on the left.

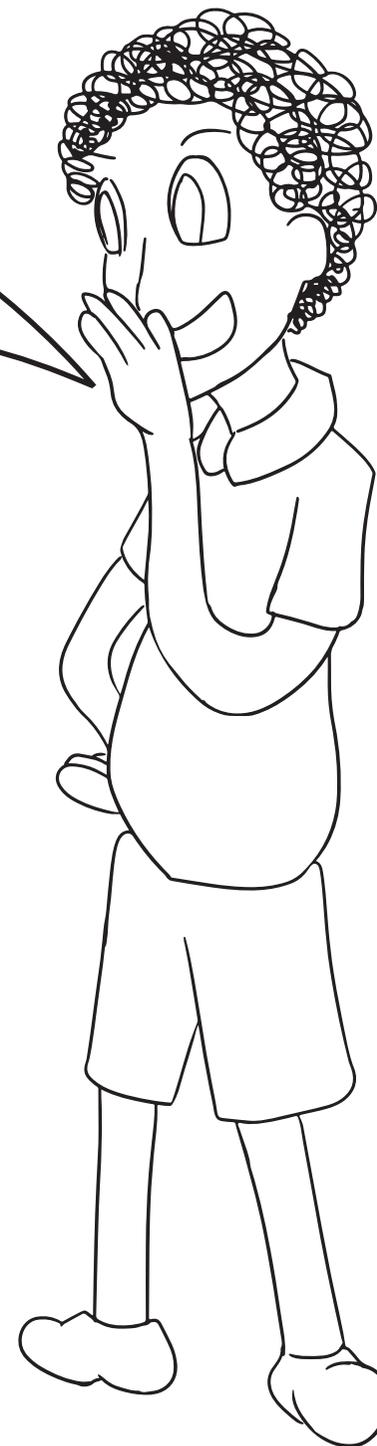
Fiquem sabendo que eu não faço travessuras sózinho não!

Tá vendo esse pessoal aí?

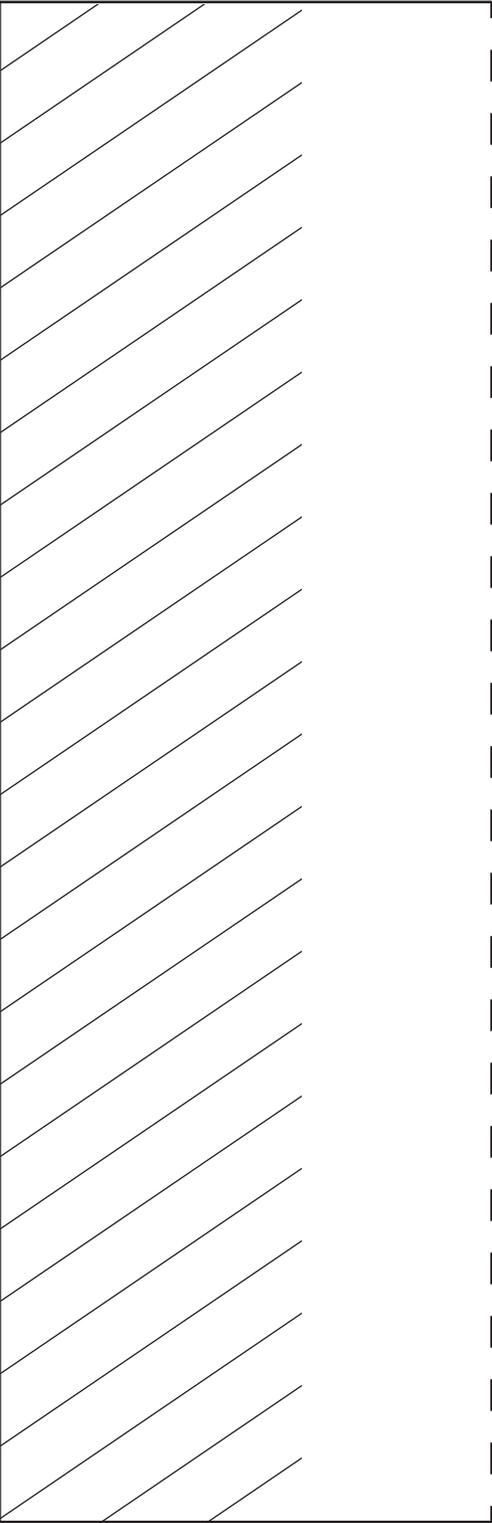
Foram eles !!!!

Ana Marta de Brito Borges
Avelãs de Araujo
Clóvis Ely Bianchi Ferratoni
Eleni Papparounis
Fabia T. Campos
Glória Inácio de Oliveira F. Leite
Jair Alves da Silva Junior
Jeferson Oliveira
Leandro Mastropasqua
Lucilene Cristina Batistele
Manuela Dellape
Patricia Hitomi Yamamoto
Roberta Suzuki
Rogério Caetano Simões
Sandra Maia
Sandra Regina Juliano
Sivia Fazolari
Stelvio H. Ignácio Barboza
Tadeu Costa

Eaí Pessoal!! Sou o Zekinha, mascote da Brinquedoteca Portátil Senac. Vou te acompanhar nos manuais passo a passo, ensinando como fazer cada coisinha no detalhe. Fiquei tão importante que até ganhei meu próprio livrinho. Essas travessuras não são só minhas. As queridas pessoas, funcionários do Senac Santo Amaro, contribuíram contando pra mim suas próprias travessuras ou de seus parentes. Espero que vocês gostem das nossas travessuras, afinal : Quem nunca, né?



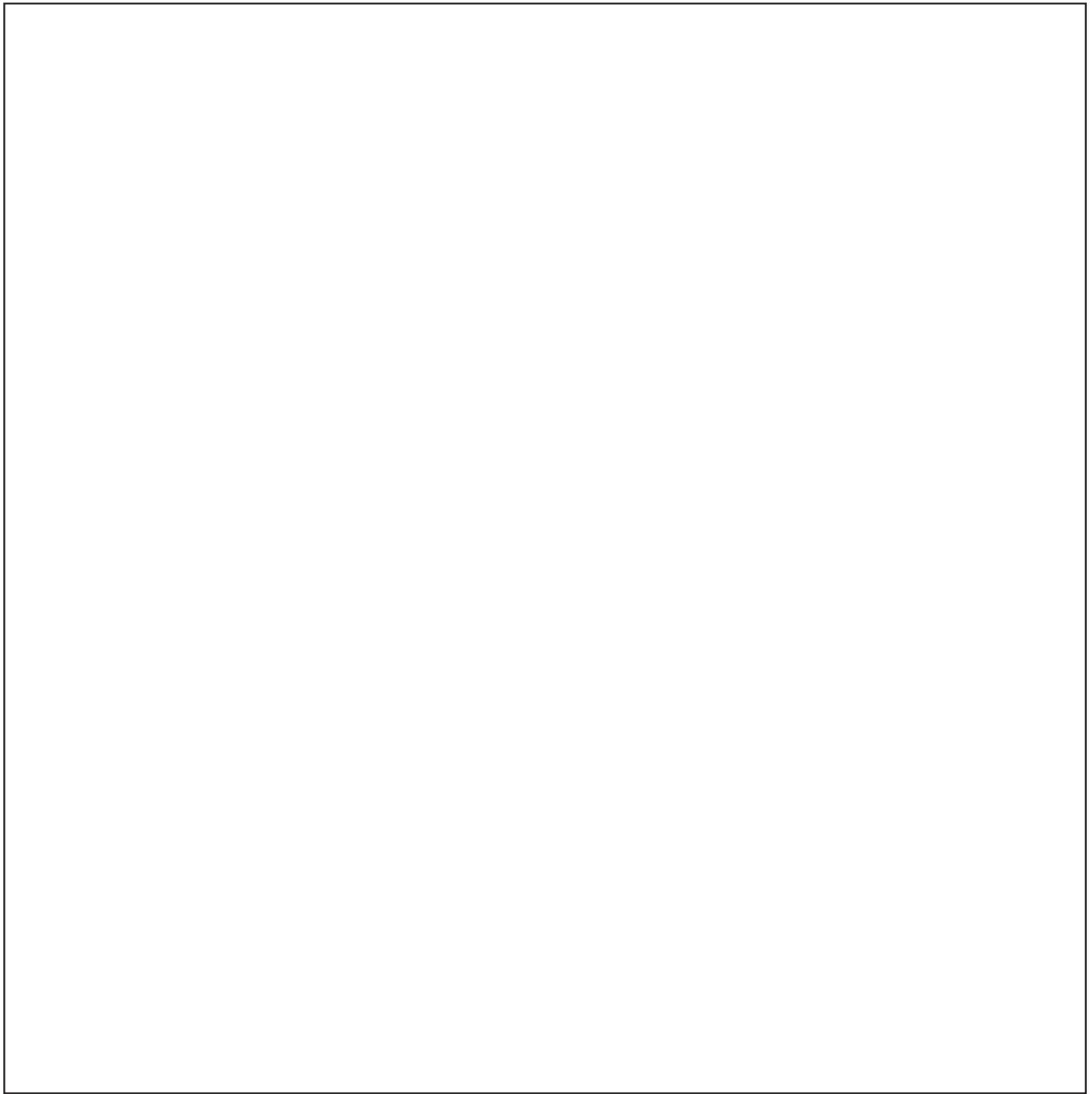
As NOSSAS
TRAVESSURAS



As TRAVESSURAS
DO ZEKINHA

Autor:
ZEKINHA

Com ajuda de Juliana Tuchsznajder Campos
nas ilustrações e Design



As TRAVESSURAS DO ZEKINHA

Autor:
ZEKINHA



Com ajuda de Juliana Tuchsznajder Campos
nas ilustrações e Design

2019

#IM!

